PLACAR

O futebol nos ANOS 80

Jogo bonito, camisas estranhas, craques inigualáveis e estádios lotados. As histórias e os bastidores da década que mudou a bola

WWW.PLACAR.COM.BR

Belos e estilosos: um tributo à velha boleiragem

A incrível arte dos regulamentos bizarros no Brasil

Os 19 gênios que reinventaram o futebol na Europa

Cerveja, rojão, bandeiras e a festa nas arquibancadas

Editores-craques convidados: Zico e Casagrande

Legado Esportivo.
Em todo o país,
para todo mundo.
Valeu a pe

"A virada do ano vem acompanhada de uma grande virada esportiva. Eu tenho corrido pelo país, de Norte a Sul, e vejo as pessoas aproveitando a infraestrutura que surpreende quem achava que só tinha legado no Rio de Janeiro. E o mais bacana é que não é só para atleta. É para todo mundo. Toda esta infraestrutura será interligada pela Rede Nacional de Treinamento, que estimula a prática esportiva no Brasil e forma futuros talentos. Agora, podemos ser mais que o país do futebol. Podemos ser o país da canoagem, do judô, do boxe, do atletismo, da natação."

PRELEÇÃO

Uma virada com gols de craques

Placar está de cara nova. Mudamos o nosso logo na direção das nossas origens. A partir de agora, caro leitor, você receberá uma revista cada vez mais comprometida com a qualidade, com o jornalismo e com o futebol – nossa paixão desde que nascemos, em 1970. Nossas edições passam a tratar os grandes temas do futebol com profundidade para quem tem o prazer da leitura e com o DNA da Placar. Ninguém viu mais futebol do que a gente na imprensa esportiva. Nesses anos todos, nosso patrimônio em conteúdos do esporte é gigantesco. E esse tesouro chegará até você todos os meses. Nessa reestreia 2017, trouxemos dois craques como editores convidados. Zico, maior ídolo do Flamengo em todos os tempos, e Casagrande, goleador-símbolo do Corinthians e atual comentarista da TV Globo. Os dois participaram de nossa pauta, deram sugestões e avaliaram as páginas, definindo nossas escolhas. Foi uma experiência enriquecedora para nossa proposta de contar a aventura do futebol nos anos 80. Acompanhe em nossas redes sociais as entrevistas com os ídolos e editores.

ZICO

Placar sempre teve uma ligação muito forte comigo, principalmente pelo fato de ter acompanhado praticamente toda a minha carreira. A revista foi lançada num momento em que eu também estava começando. Posso dizer com tranquilidade que as grandes premiações que eu tenho realmente são originárias da Placar. Nós corremos juntos.

A década de 80 representou uma década de glórias. Além das conquistas, foi um marco em termos de seleção brasileira. Significou bastante. Foi o momento de auge e encerramento da minha carreira. Eu comecei bem cedo nos anos 70, com altos e baixos. Nos anos 80, eu estava consolidado como profissional, atleta e jogador. Um cara que lutou e conseguiu vencer na profissão.

Sou muito grato à Placar nesses anos todos. Espero que a revista continue falando sobre e ajudando o futebol como sempre fez. E foi muito legal relembrar essa década, que foi tão importante para a história do futebol. Fiquei muito feliz em participar.

CASAGRANDE

A Placar foi muito importante no futebol e para mim. Colaborando nessa edição, revi as vezes em que fui capa da revista e me emocionei. Pedi ao editores que me consigam cópias das capas para minha coleção. Os anos 80 foram muito importantes. Vivi a Democracia Corintiana e pela primeira vez na vida me senti fazendo realmente parte de um grupo no futebol. Quase não voltei para o Corinthians depois que saí emprestado para a Caldense, mas, quando descobri o movimento que se seguiria no Parque São Jorge, abracei a causa. Meu comportamento, meu ideal de liberdade, sempre foi um problema no Corinthians, desde garoto. Eu aprendi futebol na rua, no asfalto, fazendo gol nos portões das casas. Só sabia ser livre. A Placar sempre apoiou a Democracia e acompanhou minha carreira. A escolha de Zico e Sócrates para a capa é muito boa. Para mim, eles realmente foram os grandes protagonistas da década. Foi um prazer colaborar com a edição.

Abraços e obrigado.

©CAPA J.R. SCALCO

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) | ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Alecsandra Zapparoli, Giancarlo Civita e José Roberto Guzzo

Presidente do Grupo Abril: Walter Longo

Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo

Diretor de Assinaturas: Ricardo Perez
Diretora da Casa Cor: Lívia Pedreira
Diretor da GoBox: Dimas Mietto
Diretora de Mercado: Isabel Amorim
Diretor de Planejamento, Controle e Operações: Edilson Soares
Diretora de Serviços de Marketing: Andrea Abelleira
Diretor de Tecnologia: Carlos Sangiorgio

Diretor Editorial - Estilo de Vida: Sérgio Gwercman

PLACAR

Colaboraram nesta edição:
Rodolfo Rodrigues (editor)
Controle Administrativo: Cristiane Pereira Atendimento ao Leitor: Sandra Hadich CTI: André Luiz, Marcelo Tavares e Marisa Tomas
www.placar.com.br

PUBLICIDADE Andrea Veiga (RJ), Ana Paula Moreno (Moda, Decoração e Construção), Cristiano Persona (Financeiro, Mobilidade, Imobiliário e Serviços Empresariais), Daniela Serafim (Tecnologia, Telecom, Saúde, Educação, Agro e Serviços), Selma Souto (Bens de Consumo, Turismo, Entretenimento e Mídia), William Hagopian (Regionais) ABRIL BRANDED CONTENT Edward Pimenta ASSINATURAS Adalton Granado (Processos e Produção), Daniela Vada (SAC), Luci Silva (Marketing Direto, Relacionamento e Retenção), Marco Tulio Azabe (Estúdio de Criação), Mary Veras (Vendas Corporativas), Rodrigo Chinaglia (e-business), Wilson Paschoal (Vendas de Rede), MARKETING DE MARCAS Camila Verde (Casa e Decoração), Carolina Bertelli (Femininas), Carolina Fioresi (Eventos), Cinthia Obrecht (Estilo de Vida), . Edson Ferrão (Digital), Icaro Freitas (Circulação Avulsas), Kelly Amigrete (Veja), Leander Moreira (Exame), MARKETING CORPORATIVO Maurício Panfilio (Pesquisa de Mercado), Diego Macedo (Abril Big Data), Gloria Portela (Licenças), Thais Rocha (Relação com o Mercado) DEDOC E ABRILPRESS Valter Sabino ESTRATÉGIAS E OPERAÇÕES DE PUBLICIDADE Renata Guimarães DESENVOLVIMENTO DE AUDIÊNCIA Rodrigo Cavalcanti PARCERIAS E TENDÊNCIAS Airton Lopes PRODUTO DIGITAL Renata Gomes PLANEJAMENTO CONTROLE E OPERAÇÕES Adriana Favilla, Adriana Kazan, Emilene Domingues e Renata Antunes RECURSOS HUMANOS Alexandra de Castro (Desenvolvimento Organizacional), Ana Kohl (Serviços de RH) e Mário Nascimento (Remuneração e Benefícios)

Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7.221, 20º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

PLACAR 1424 (EAN 789-3614-10751-6), ano 47, é uma publicação da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. PLACAR não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-775-2112
www.abrilsac.com

Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145
Demais localidades: 0800-775-2145
www.assineabril.com.br

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO:
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, ligue: (11) 3990.1329 / (11) 3990.2059
e-mail: atendimento.conteudoabril@abril.com.br
e abrilcontent@abril.com.br
Acesse: www.abrilconteudo.com.br

IMPRESSA NA GRÁFICA ABRIL
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP: 02909-900, São Paulo, SP

Presidente AbrilPar: Giancarlo Civita

Presidente do Grupo Abril: Walter Longo

Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo
Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor Superintendente da Gráfica: Eduardo Costa
Diretor Superintendente da Total Express: Bruno Tortorello
Diretor Comercial da Total Publicações: Osmar Lara
Diretor de Auditoria: Thomaz Roberto Scott
Diretora Jurídica: Mariana Macia
Diretor Corporativo de Marketing: Tiago Afonso
Diretora Corporativa de Recursos Humanos: Claudia Ribeiro
Diretora de Relações Corporativas: Meire Fidelis

www.grupoabril.com.br

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

SUMÁRIO

© RICARDO CORRÊA

EDITORES CRAQUES
Zico observa o quadro com as páginas da revista e Casagrande posa com uma das opções de capa para esta edição

MAIS QUE UMA DÉCADA, UMA LOUCURA

Maradona, o rei do futebol, e Madonna, a rainha do pop, comandaram a década

Foi uma década colorida, de conquista de liberdades, queda de ditaduras e muros. Muita criatividade nas artes e na moda. Usamos coisas estranhas, mas que influenciariam as décadas seguintes. No final dos dez anos, um novo rei do futebol assume o trono: Maradona. Veja os principais momentos do período

ANOS 80

1980

O ano começa colorido. A New Wave chacoalha o mundo da música. Bandas como o B-52s entram em cena coloridos, maquiados e de ombreiras. O diretor Stanley Kubrick lança o filme de terror psicológico *O Iluminado*, estrelado por Jack Nicholson e que se tornaria icônico na história do cinema. No esporte, a Olimpíada de Moscou sofre um boicote liderado pelos Estados Unidos e seguido por mais 60 países ocidentais, em protesto contra a invasão soviética ao Afeganistão. O Flamengo de Zico dá as caras e conquista o Brasileirão. A Alemanha vence a Euro disputada na Itália. O ano acaba triste e com desesperança. John Lennon é assassinado na porta de sua casa, em Nova York, com quatro tiros disparados por Mark Chapman, um maluco que horas antes havia conseguido um autógrafo de Lennon.

O mundo em choque com o assassinato de John Lennon

© GETTY IMAGES

New Wave: a onda paz e amor mais colorida

© ROGÉRIO REIS

Time da Alemanha comemora a conquista da Eurocopa

© GETTY IMAGES

O Iluminado: ícone do terror psicológico

© DIVULGAÇÃO

Flamengo campeão mundial: Nunes era o homem-gol

© MARCELO REZENDE

NOTA DO ZICO

"Não esperava uma vitória tão fácil, construída no primeiro tempo. Fácil pelas circunstâncias. No intervalo, eles voltaram com medo de não perder por mais."

1981

Mais de 20 mil pessoas estavam reunidas em um show em protesto contra o regime militar, que se impunha como ditadura desde o golpe de 1964. Uma bomba explode em um carro no estacionamento do local, no Rio de Janeiro. Dois militares, que carregavam a bomba, morrem na explosão. Eram os supervisores de uma ação terrorista militar que visava abalar o movimento pela democracia. Nos Estados Unidos, o ex-ator de filmes de cowboy, Ronald Reagan, assume a presidência do país. A Inglaterra assiste encantada ao casamento do príncipe herdeiro, Charles, com a plebeia Diana. No Vaticano, um terrorista turco, Ali Agca, atinge o papa João Paulo II com dois tiros. O papa sobreviveu, o terrorista foi condenado à prisão perpétua e obteve o perdão do sacerdote. A Nasa manda para o espaço pela primeira vez a nave Columbia. No esporte, Nélson Piquet conquista o primeiro de seus três títulos mundiais de Fórmula 1. Pelé é leito Atleta do Século pelo jornal francês *L'Equipe*. O Grêmio é campeão brasileiro, mas o Flamengo faz o show do ano, vence a Libertadores. Depois, fecha um ano dourado, liquidando o Liverpool, da Inglaterra, por 3 x 0, na final do Mundial Interclubes, no Japão.

Bomba no Rio Centro: terrorismo de estado

Nélson Piquet e a conquista de seu primeiro título mundial

© J.B. SCALCO

1982

Nossos hermanitos argentinos entram em guerra. O ditador argentino, Leopoldo Galtieri, numa tentativa de levantar o cambaleante regime militar de seu país, invade as ilhas Malvinas (Falklands, para os ingleses), uma dominação britânica desde 1833 e reivindicada pela Argentina. A guerra durou pouco, de abril a junho. Os argentinos, mal preparados e equipados com velharias, não foram páreo para as tropas inglesas. "Bota ponta, Telê!", falava o Zé da Galera, personagem de Jô Soares. O técnico não deu atenção — e a seleção que jogava o futebol-arte, caiu, mesmo favorita, diante da Itália (que seria campeã). Paolo Rossi brilhou como carrasco, mas a qualidade daquela equipe nunca foi esquecida. Em outubro a Placar publica uma das maiores investigações jornalísticas de todos os tempos e denuncia a Máfia da Loteria Esportiva. Era um esquema de manipulação de resultados dos jogos da "Loteca", favorecendo criminosos. Jogadores, ex-atletas, dirigentes, políticos e árbitros de futebol estavam envolvidos. O ano acaba leve, com o lançamento do filme *ET*, de Steven Spielberg, e do clipe *Thriller*, um dos maiores sucessos de Michael Jackson.

Jô Soares e o Zé da Galera: "Bota ponta, Telê!"

© DIVULGAÇÃO

NOTA DO ZICO
"Esse Zé da Galera era chato pra c..."

Paolo Rossi chuta para marcar e encerrar o sonho do tetra na Espanha

PLACAR

EXCLUSIVO
DESVENDAMOS
A MÁFIA
DA LOTERIA
ESPORTIVA

Michael Jackson estoura com seu *Thriller*

© DIVULGAÇÃO

© DIVULGAÇÃO

Xuxa estreia na TV em um show para baixinhos, mas com modelito para grandinhos

O Grêmio leva a Libertadores e o Mundial no Japão

Perdemos Garrincha: nosso segundo maior craque, depois de Pelé, morre em consequência de uma cirrose

© IGNÁCIO FERREIRA

1983

O ano começa com tristeza. Em 20 de janeiro, morre Garrincha, vítima de uma cirrose hepática. Semanas antes, Placar promoveu o encontro dos dois maiores ídolos da história do nosso futebol até aquele momento. Garrincha e Pelé relembraram histórias e deram muitas risadas. Em junho, estreava na TV Manchete o programa *Clube da Criança*, apresentado por Xuxa. À época, a futura Rainha dos Baixinhos não tinha muito tato com as crianças, desenvolvido com o tempo, nem os figurinos mais inocentes. Chega ao Brasil o console do Atari, inaugurando uma era de videogames modernos. O Grêmio ganha sua primeira Libertadores da América, ao derrotar o Peñarol-URU por 2 x 1. Em dezembro o Tricolor Gaúcho faz a festa do Mundial Interclubes e vence o Hamburgo-ALE, também por 2 x 1, com direito a show de Renato Gaúcho.

ANOS 80

1984

O ano começa com uma das maiores inovações tecnológicas da história. No intervalo do Super Bowl (final do futebol americano), na que seria uma das mais icônicas campanhas publicitárias em todos os tempos, a Apple lança o Apple II, o precursor dos computadores atuais, com a real possibilidade de intervenção do usuário através de uma interface gráfica. Em abril, o Congresso Nacional derruba a emenda das Diretas frustrando boa parte dos brasileiros, que desde 1983 se empenhavam na campanha Diretas Já. O SBT transmite pela primeira vez um episódio de *Chaves*. Na música, surge o mito Madonna, ao lançar o álbum *Like a Virgin*. No futebol, o Brasil conquista a medalha de prata na Olimpíada de Los Angeles, nos Estados Unidos. O Fluminense, depois de conquistar o bicampeonato carioca, leva o Brasileirão. A "Máquina" tricolor superou o Vasco na final, após uma vitória por 2 x 1 no primeiro jogo e um empate sem gols no segundo jogo da final. A França sedia e vence a Euro, sob o comando de Platini.

O Fluminense ergue a taça nacional

Madonna: *Like a Virgin*

© DIVULGAÇÃO

Apple II: começava a era MAC

O Brasil mobilizado para votar para presidente

Tancredo Neves se elege presidente no Colégio eleitoral

Rock in Rio: lama, paz e muita música

Tragédia de Heysel: 39 mortos

1985

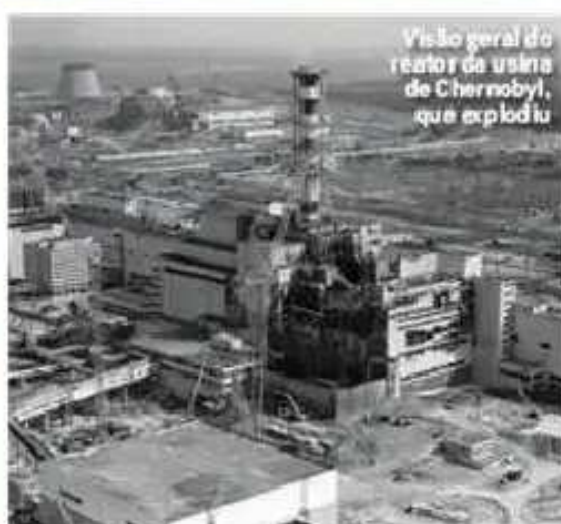
Em votação indireta no colégio eleitoral, Tancredo Neves é eleito presidente do Brasil. Antes da posse, porém, Tancredo sentiu dores abdominais durante uma missa. Foi internado e, após agonizantes 38 dias, morreu. Assumiu o vice José Sarney, inaugurando a Nova República. Um terremoto de 8.1 na escala Richter atinge a Cidade do México, devastando a cidade e matando 20 mil pessoas, oficialmente. A destruição pôs em risco a realização da Copa do Mundo, que aconteceria um ano depois, apesar dos danos e perdas. O mundo assiste atônito à tragédia que matou 39 torcedores presentes na final da Uefa Champions entre Liverpool e Juventus, após conflitos entre hooligans e a polícia, episódio que ficou conhecido como a tragédia de Heysel, na Bélgica. Para trazer um pouco de paz e alegria, acontece no Rio de Janeiro a primeira edição do Rock in Rio. Mais de 1 milhão de pessoas assistiram aos shows de bandas como Queen e Iron Maiden e cantores como James Taylor e Rod Stewart, entre outras atrações internacionais e nacionais. No Brasil, deu zebra. Ninguém esperava, mas Bangu e Coritiba fizeram a final do Campeonato Brasileiro. O alviverde do Paraná ganhou seu primeiro título nacional.

Maradona e "la mano de Dios": ganhou a Copa sozinho

1986

Foi o ano em que o Mundo caiu aos pés de Maradona. O baixinho argentino ganhou a Copa sozinho. Ele fez de tudo, mas cravou o nome na história contra a Inglaterra, ao fazer um gol de mão ("la mano de Dios", na visão argentina) e um dos gols mais bonitos de todos os tempos, quando driblou metade dos ingleses desde seu campo de defesa, levando a alma dos argentinos, ainda magoados com a derrota para os britânicos nas Malvinas. Celebrou a conquista como o novo rei do futebol e deu aos argentinos a certeza de que Maradona era melhor que Pelé. Do espaço, passou perto o cometa Halley. Apesar da grande expectativa, o corpo celeste, após 76 anos de sua última aparição, passou longe da Terra, e a poluição, entre outros fatores, frustrou a sua visibilidade. O mundo se assusta com a explosão do reator nuclear da usina de Chernobyl, na Ucrânia. O acidente espalhou radiação por várias regiões da Europa e um incêndio consumiu as instalações por dez dias. Até hoje, uma grande área em torno da usina é considerada zona de exclusão. O São Paulo conquista seu segundo título brasileiro com craques como o centroavante Careca, sobre o Guarani, então comandado pelo atacante Evair.

Todo mundo tentou, mas quase ninguém viu o cometa Halley

© ANDRÉ CARDOSO

Visão geral do reator da usina de Chernobyl, que explodiu

Careca, Müller e companhia: o São Paulo tinha um timaço

© SÉRGIO BEREZOVSKY

ANOS 80

1987

Pregando liberdade, paz e preservação do ambiente, entre outras reivindicações sociais, a atriz pornô Cicciolina se elege deputada na Itália, numa campanha escandalosa e midiática. Na União Soviética, o líder Mikhail Gorbachev promove mudanças políticas e econômicas (Glasnost e Perestroika), que abririam caminho para o fim da Guerra fria e um acordo de desarmamento assinado com o presidente americano Ronald Reagan. O Flamengo conquista a Copa União, um torneio promovido pelo Clube dos 13 e extremamente boicotado e prejudicado pela CBF. Para a entidade, o real campeão brasileiro daquele ano foi o Sport, vencedor do torneio organizado por ela. Pelé volta a campo, aos 47 anos. Disputou alguns minutos de um jogo pela seleção de másters, na Copa Pelé. Foi o suficiente para imortalizar mais um lance do Rei do futebol, uma tentativa de bicicleta.

Renato carrega um urubu (literalmente) na final da Copa União

Gorbachev e os novos tempos na antiga União Soviética

Cicciolina na Itália: dos filmes pornôs para a política

© GETTY IMAGES

Pedala, Pelé: o Rei ainda dava um caldo

© NELSON COELHO

© LEMYR MARTINS

Começa a trajetória vencedora de Senna

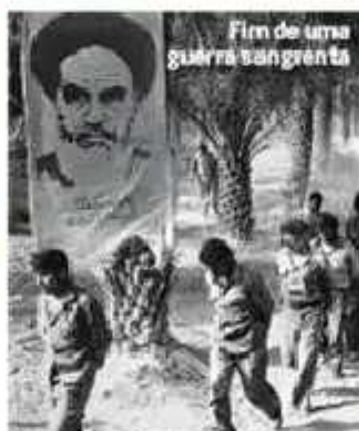
O Bahia surpreende e leva seu segundo título nacional

© ORLANDO KISSNER

1988

Chega ao fim a guerra entre Irã e Iraque, após oito anos e mais de 1 milhão de mortos. O Brasil comemora o centenário da abolição da escravidão. A Placar lança uma edição especial com craques negros na capa, celebrando sua enorme contribuição ao futebol. Ayrton Senna conquista seu primeiro título mundial, vencendo o GP do Japão, em Suzuka, superando o rival francês, Alain Prost. Promulgada a nova Constituição brasileira, pelas mãos do deputado Ulysses Guimarães, recuperando os direitos civis fundamentais, bem com o as liberdades individuais, ignoradas no período anterior, na ditadura. Um spoiler atrasado. O Brasil parou para saber quem matou Odete Roitman, personagem de Beatriz Segall na novela *Vale Tudo*. Se você não sabe, lá vai: foi Leila, personagem de Cássia Kiss. O Bahia muda o eixo do futebol nacional mais uma vez na década e leva o título do Campeonato Brasileiro, com um time habilidoso, comandado pelo craque Bobô e com os gols do centroavante Charles.

Doutor Ulysses e a nova Constituição

© JOÃO RAMID

Fim de uma guerra sangrenta

© JORGE WEDITSCH

Fittipaldi e o dinheirão que ganhou nas 500 Milhas de Indianápolis

Lula e Collor: cordialidade somente para as câmeras

1989

O ano entra para a história pela queda do Muro de Berlim. Uma multidão se aglomerou dos dois lados do muro que era símbolo da divisão entre Europa Ocidental e Oriental. Com o fim da separação, alemães puderam circular livremente entre as duas Alemanhas, o que abriu caminho para que os dois países iniciassem um processo de unificação e o mundo, uma série de mudanças políticas e geográficas, que perduravam desde o fim da Segunda Guerra Mundial. No Brasil, acontece a primeira eleição para presidente da República após 29 anos. Em uma disputa acirrada e cheia de polêmicas e jogadas baixas, Collor leva a eleição de Lula. O segundo turno foi marcado pela edição tendenciosa, pela Globo, do último debate na TV, em favor de Collor, o que influenciou o resultado nas urnas. Emerson Fittipaldi volta a fazer história no automobilismo e vence a Fórmula Indy, sendo o primeiro piloto estrangeiro a conquistar a categoria, com direito a vitória nas 500 Milhas de Indianápolis. O Botafogo vence invicto o Campeonato Carioca e sai de uma longa fila após 21 anos. O Vasco vence o Brasileirão, conquistando o bicampeonato, ao vencer o São Paulo, em pleno Morumbi, com gol de Sorato.

Martela, martela e cai o muro de Berlim

21 anos depois, a glória de ser campeão para o Botafogo

GRUPO Abril

OS PROTAGONISTAS

O Doutor e o gesto político ao comemorar seus gols

ELES ERAM OS CARAS

FORAM OS CRAQUES DA ÉPOCA, MAS NÃO JOGAVAM APENAS MUITA BOLA. ERAM TAMBÉM A ESSÊNCIA DA NOSSA QUALIDADE E, MUITO DELES, UMA VOZ POLÍTICA

Craques não faltaram na década de 80. Uma geração boa de bola, do futebol-arte, do engajamento político – que, todavia, não ganhou uma Copa. Mas reduzir jogadores como Sócrates, Zico, Casagrande, Falcão, Toninho Cerezo, Júnior, entre outros, a perdedores, é um injustiça histórica. Naquele período, jogar fora do Brasil era incomum. Os clubes europeus podiam contar apenas com um jogador estrangeiro – mais no fim da década, com dois. Como não havia muitas opções de mercado, nossos craques ficavam por aqui, saindo apenas mais maduros para jogar na Itália, por exemplo, que era então o centro do futebol mundial.

DOUTOR SÓCRATES

Foi o maior protagonista da década, dividindo com Zico as atenções. O Doutor era presença constante nas capas de Placar e foi um dos personagens politicamente mais engajados da história do futebol. Sócrates era o comandante da Democracia Corintiana. Naquela época, os jogadores do time tinham poder de decisão sobre aspectos do dia a dia e sobre questões mais profundas. Casagrande, parceiro de Sócrates e nosso editor convidado, nesta edição, conta que as decisões eram colegiadas. Sobre o dia da concentração, sobre viagens, prêmios e até contratações, por exemplo. Depois de decidido, os líderes – entre eles, Sócrates – levavam a opinião dos atletas ao diretor de futebol, Adilson Monteiro Alves, que foi um dos mentores do movimento, para que a questão fosse resolvida levando em conta todas as opiniões. A Democracia Corintiana foi muito combatida, especialmente dentro do próprio clube, pelos antigos dirigentes. Casagrande conta que colegas de outros times tinham curiosidade e vontade de fazer o mesmo, mas que não conseguiam combater o sistema. Enquanto o time ganhava em campo, a coisa evoluiu bem. Quando os resultados não vieram, a Democracia sucumbiu, num dos maiores desperdícios da história do futebol. Além da Democracia Corintiana, Sócrates demonstrava sempre, com gestos e opiniões, seu posicionamento político. Participou intensamente do movimento das Diretas Já (pelo direito ao voto direto para presidente), em 1983 e 1984. Sua comemoração de gol com o braço direito elevado e o punho cerrado era um gesto político de resistência. Na Copa de 86, no México, entrou em campo usando uma faixa na testa. Em cada jogo, uma mensagem de protesto: contra a fome, contra a guerra, contra o imperialismo. Placar tinha forte ligação com o jogador. O jornalista Juca Kfouri, diretor de redação na época, nunca escondeu sua amizade e admiração pelo craque, mas também nunca se furtou a criticá-lo. A revista produziu fotos antológicas com o Doutor, entre elas, uma dele vestido de Dom Pedro I, de governador, em frente ao Palácio dos Bandeirantes, sede do governo de São Paulo. De pensador, reproduzindo a pose de uma escultura clássica famosa. Mas uma das mais curiosas foi quando a revista previu, por meio de maquiagem, como Sócrates estaria em 2004, quando faria 50 anos. Pela foto, percebe-se que exageramos na produção: o Doutor parecia ter 70 anos após ser maquiado. Depois do Timão, Sócrates foi para a Fiorentina, numa passagem fraca. Voltou para o Brasil e foi anunciado como jogador da Ponte Preta, numa operação da empresa Luqui, comandada pelo locutor Luciano do Valle, ponte-pretano assumido. Valle costurou patrocínios para trazer o Doutor, mas não arrecadou todo o montante necessário e, mesmo depois de Sócrates vestir a camisa da Ponte e dar entrevista como jogador do time, o negócio não foi concretizado. Sócrates foi para o Flamengo por duas temporadas, e lá ficou de 1985 a 1987. Fez 45 jogos e marcou 8 gols. Por fim, jogou no Santos, em 1988 e 1989, realizando 23 partidas e marcando 7 gols.

Sócrates posa de pensador e de Dom Pedro I e imagina como seria aos 50 anos, em brincadeiras para a Placar. Acima, com a camisa da Fiorentina, onde passou sem brilho na temporada de 1984/85

Zico comemora um de seus 509 gols pelo Flamengo; acima, contra o Atlético-MG na final do Brasileirão de 1980; ao lado, pela seleção na Copa de 1986; abaixo, jogando pela Udinese, na Itália, e numa interpretação de Placar, em 1983, de como estaria aos 50 anos

O CRAQUE QUE NASCEU COM A PLACAR

Foi o próprio Zico, nosso editor convidado desta edição, que afirmou que a revista surge junto com o início dele no futebol, aos 17 anos. Os dois cresceram juntos e Placar relatou a ascensão de seu genial futebol. O Galinho é daqueles jogadores raros, que não são odiados nem pelos torcedores adversários. Como o ex-goleiro Marcos, do Palmeiras, por exemplo. Para os flamenguistas, Zico é um ser mitológico. A década de 80 foi do Fla. Com Zico, o time foi campeão brasileiro em 1980, 1982, 1983 e da Copa União, em 1987. No Carioca, levou os campeonatos de 1981 e 1986. Mais as duas maiores glórias rubro-negras, a Libertadores e o Mundial Interclubes, em 1981. Já na seleção, Zico não é uma unanimidade. Para muitos, era jogador de clube. Bobagem. Zico era craque e, em 88 jogos com a camisa do Brasil, marcou 66 gols. Jogou muita bola na Copa de 1982, simbolizando o futebol-arte, defendido pelo técnico Telê Santana. Apanhou muito em campo e teve graves contusões. Na pior delas, em 1986, fez um esforço descomunal para entrar em campo na Copa do México e tentar ajudar a seleção a conquistar o tetra. No jogo em que fomos eliminados pela França, perdeu um pênalti, que poderia mudar nossa sorte na competição. Mas Zico acabara de entrar em campo (começou no banco). Na primeira bola, tocou em profundidade para Branco dentro da grande área, que foi derrubado. O Galinho não fugiu da responsabilidade e decidiu bater a penalidade. Quem tiraria a bola dele? Quem impediria um dos maiores craques de todos os tempos de fazer aquela cobrança? Deu azar, e o jogo acabou empatado. Os times se arrastaram na prorrogação, e na cobrança de pênaltis, Sócrates errou, Platini, também. A França converteu três penalidades, o Brasil duas (o zagueiro Júlio César também errou a cobrança). Assim, voltamos mais cedo para casa.

Falcão era o Rei de Roma

Elegância em campo

Pense num jogador elegante em campo. Não pelo uniforme, mas pela postura, as passadas, o toque de bola e até a marcação. Agora pense no volante atual do seu time e imagine uma pessoa ao contrário, saindo bem com a bola, acertando passes, marcando gols e não dando pancada à toa. Esse era Falcão, um dos melhores volantes de todos os tempos. O Rei de Roma, como ficou conhecido por sua passagem vencedora pela Roma, da Itália, iniciou sua carreira no Internacional, fazendo parte de um dos times mais talentosos que se viu nos anos 70. Logo em 1980, mudou-se para Roma e lá venceu três Copas da Itália e o *scudetto* italiano, em 1983, após 41 anos de jejum da equipe romana. Após a Itália, Falcão jogou no São Paulo, em parte de 1985 e 1986. Fez 25 jogos e marcou 8 gols. No tricolor foi campeão paulista, em 1986, mas muitas vezes encarou o banco de reservas, numa atitude ousada do então treinador, Cilinho. A notória elegância do craque, em campo, também se notabilizou fora dele. Com hábitos europeus, Falcão se vestia com classe e chegou a ter uma grife de roupas masculinas com seu nome.

UM JOVEM CRAQUE

Casagrande foi sem dúvida o protagonista jovem da década. Ao lado de Sócrates e outros craques, no Corinthians, participou ativamente da Democracia. Começou no Timão nas categorias de base, no anos 70 ainda. Mas seu estilo "rebelde" e contestador sempre lhe causava desgaste com a diretoria do clube. Casagrande optou por sair e foi jogar na Caldense-MG, em 1981. Com bom desempenho, a volta dele para o Corinthians era iminente. Mas Casão não queria voltar para aquele ambiente e costurou uma ida para o América Mineiro, para fazer uma ponte com destino final o Cruzeiro. Foi quando o centroavante foi procurado por Adilson Monteiro Alves, que lhe explicou o projeto da Democracia Corinthiana. Casagrande conta que ali se achou, e que pela primeira vez se sentiu parte de um grupo no futebol. Foram dois anos intensos, 1982 e 1983, com a conquista do bicampeonato paulista. Diferente da boleirada geral, Casão era roqueiro, andava de jipe e saía para se divertir sem se esconder. O jogador saiu por empréstimo ao São Paulo, em 1984, e voltou ao Timão para as temporadas de 1985/86. Mesmo com um bom time, os resultados não vieram e o espírito da Democracia ruiu. Casagrande foi para o Porto, jogando com sucesso e conquistando a Copa da Uefa. Depois atuou no Torino e no Ascoli, na Itália, sem grande brilho, mas é muito respeitado pelos clubes em que jogou. De volta ao Brasil jogou no Flamengo (1993), Corinthians novamente (1994), Paulista de Jundiaí (1995), encerrando a carreira no modesto São Francisco-BA (1996).

Casagrande comemora um gol no Morumbi. Ao lado, em ensaio fotográfico para a Placar, em 1982: mal compreendido no início da carreira no Timão, sentiu-se em casa ao viver a Democracia Corintiana

VOA, CANARINHO, VOA

Foi voando pela lateral direita que Júnior se consagrou no Flamengo. Teve duas passagens pelo clube, de 1974 a 1984 e de 1989 até 1982. Júnior reunia muitas qualidades. Ambidestro, apoiador, polivalente e ótimo marcador, com força física e explosão nas arrancadas. Foi supercampeão pelo Flamengo: três Brasileiros (1980, 82 e 83), Campeão da Libertadores e Mundial Interclubes (1981) e de um Estadual (1981). Tinha um estilo bem carioca. Adorava o samba: tocava pandeiro desde os 8 anos e compôs uma música famosa, em 1982, que virou hino da seleção na Copa da Espanha, com o refrão "Voa, Canarinho, voa...". Júnior se transferiu para a Itália em 1984, quando foi para o Torino. Lá, passou a atuar no meio-campo e conduziu o clube ao vice-campeonato daquele ano. Foi considerado o melhor jogador do torneio, mesmo concorrendo com feras como Maradona, Platini, Zico e Falcão. Em 1987, Júnior se transferiu para o Pescara, sendo o primeiro estrangeiro a atuar pela equipe italiana. O craque acabou a década de volta ao seu clube do coração, o Flamengo, passando a atuar no meio-campo, onde brilhou até 1992, conquistando o título brasileiro.

Júnior, feliz em Turim (acima) e jogando pelo Flamengo

Jorginho ajudou o Palmeiras a assumir o porco na capa da Placar

O craque da seca

O palmeiras enfrentou dificuldades na década de 80. O time encarou uma fila que vinha desde o último título paulista, em 1976. Sem conquistas, com problemas políticos internos, o clube montou bons elencos. Um nome se destacou de 1979 a 1987. Jorginho Putinatti, que veio do Marília, interior de São Paulo, levou durante muito tempo o time nas costas. O pouco brilho que havia vinha dele. Virou ídolo e tem o carinho dos palmeirenses até hoje. Também ganhou o apelido de "Pé-Frio", pela derrota para a Internacional de Limeira (SP), em 1986, quando o Palmeiras perdeu para o pequeno time do interior a chance de sair da fila. Uma injustiça com o meia, que jogava um futebol alegre e de qualidade. Foi ele quem, numa capa da Placar, impulsionou de vez a torcida do palmeirense a assumir o porco, apelido até então pejorativo para o torcedor. Curiosamente, Jorginho trocou o Verdão pelo Timão, em 1987, e, mesmo jogando bem, não agradou os corintianos, que o julgavam muito palmeirense. Depois, jogou ainda no Fluminense, Grêmio, Santos, XV de Piracicaba e Nagoya, do Japão.

O ANTAGONISTA

O goleiro Emerson Leão não é um personagem somente dos anos 80 (estava no grupo do tri da seleção, em 1970), mas nesse período, como sempre, esteve nos holofotes pela qualidade de seu futebol e por suas convicções. Para Casagrande, Leão era o melhor goleiro do Brasil em 1982. Mas Telê, por diferenças pessoais, não levou o goleiro para a Copa. Leão foi para o Corinthians, em 1983, em plena Democracia Corintiana, e lá virou o antagonista do movimento. Em recente entrevista ao canal Fox Sports, Leão "descascou" as atitudes de seus companheiros daquele time. Disse que era uma anarquia, não uma democracia. Que chegava para treinar e o treino havia sido cancelado por causa de uma festa que tinha rolado até tarde no dia anterior. Também era contra não haver concentração, um dos pilares do movimento corintiano. Telê Santana levou Leão para a Copa do México, em 1986, mas deixou o craque sentado no banco, na reserva do goleiro Carlos. Em 1987, transferiu-se para o Sport, onde, mesmo sendo goleiro titular, acumulou uma função e iniciou sua carreira de técnico, não menos polêmica do que foi a de jogador.

Leão: contra a Democracia Corintiana

© LUIZ CARLOS MURAUSKAS

JOGAVAM O FINO DA BOLA

Renato e o apelido de Pé Murcho

© J.B. SCALCO

Outros dois protagonistas foram craques em dois tricolores. Renato, que tinha o nada carinhoso apelido de "Pé Murcho" pela pouca potência de seus chutes. Maldades à parte, Renato foi um jogador brilhante. Meia-direita habilidoso, no São Paulo, por exemplo, marcou 100 gols – bastante para quem tinha o pé fraquinho, não? No Bahia, quem jogou o fino foi o meia Bobô. Jogador inteligente, articulado, era um ponto fora da curva. Foi merecedor de um verso, em música de Caetano Veloso, que o traduzia bem: "Quem não amou a elegância sutil de Bobô", cantado por Maria Bethânia. Bobô comandou o Bahia campeão brasileiro de 1988. Um time que jogava um futebol alegre e colorido, como a Bahia do craque.

A elegância sutil de Bobô

© ORLANDO KISSNER

NOSSO PLATINI E O MITO VASCAÍNO

Com sucesso jogando pelo São Paulo e pelo Santos, Pita foi o nosso Platini, comparação feita na época pela qualidade técnica do meia. No Santos, participou do famoso time dos "Meninos da Vila", em 1978, que jogava um futebol leve e ofensivo. No São Paulo, Pita foi campeão paulista em 1985. Em 1986, colaborou com a conquista do Brasileiro, mas desentendimentos com o técnico Cilinho, que era meio avesso aos figurões (também botou Falcão no banco), o afastaram da equipe. Mas acabou ficando e conquistando o Paulista, em 1987. No Rio, o maior ídolo vascaíno, Roberto Dinamite, atravessou a década jogando pelo Vasco. Não brilhou como nos anos 70, mas sempre foi artilheiro e um jogador fundamental. Dinamite voltou de uma temporada malsucedida no Barcelona, da Espanha, onde ficou por apenas três meses. Em casa, Roberto foi o artilheiro do Campeonato Carioca com incríveis 62 gols e ganhou os títulos cariocas de 1982, 1987 e 1988. Roberto Dinamite deixou o Vasco ao se transferir para a Portuguesa, em 1989. Deixou um legado espetacular. Na carreira, foram 708 gols pelo Vasco, 26 pela seleção, onde nunca foi muito bem-sucedido, e 11 gols pela Lusa.

Pita: o Platini brasileiro

Dinamite: mito vascaíno

© MARCO ANTONIO CAVALCANTI

NOTA DO ZICO
"Concordo com essa lista. Nessa época você podia fazer três seleções brasileiras do mais alto nível só com jogadores que atuavam no Brasil"

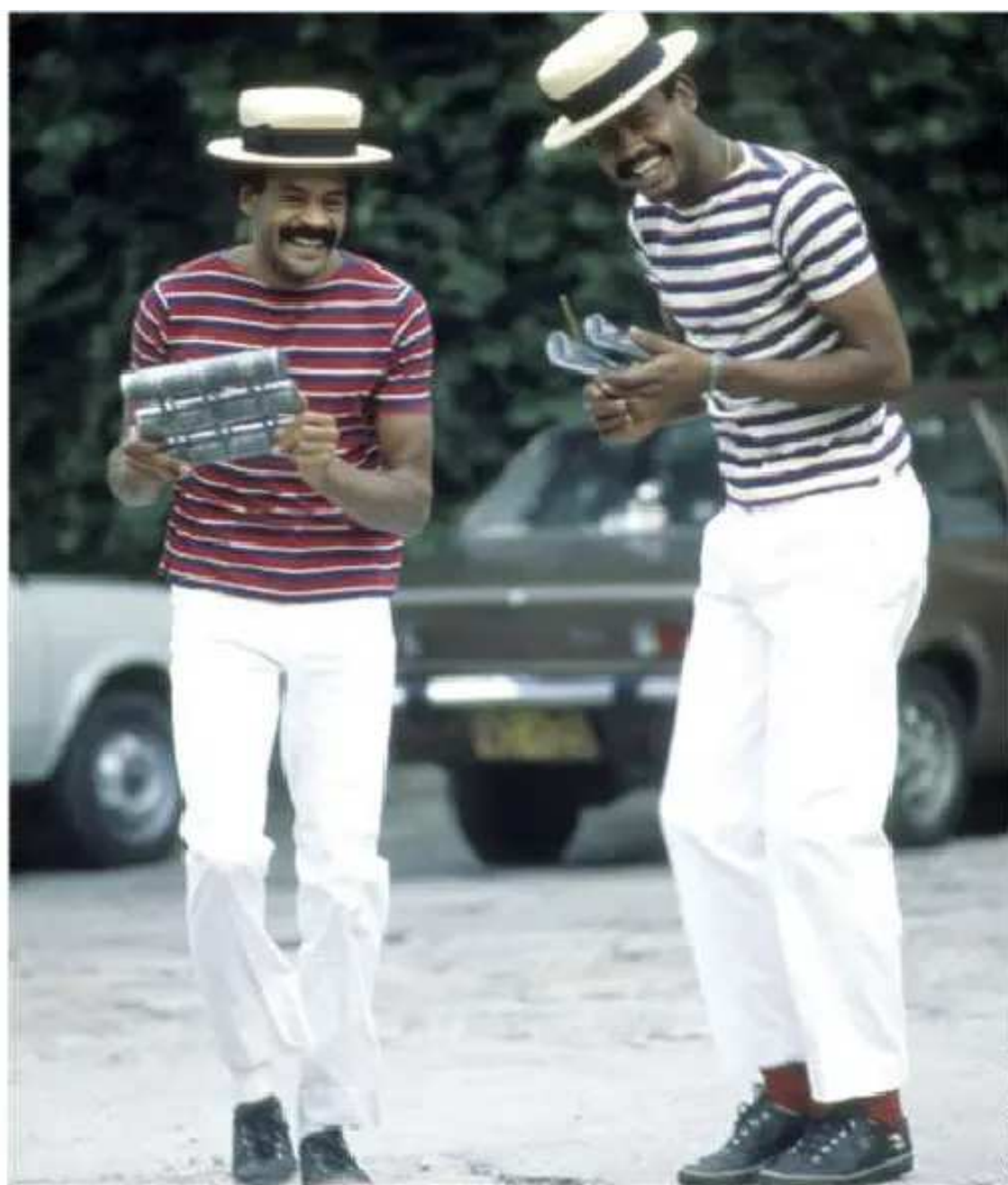
OS COADJUVANTES

CRAQUES EM OUTRA ESCALA

ALÉM DAS ESTRELAS NACIONAIS QUE BRILHARAM PELA SELEÇÃO OU NA EUROPA, UM SEGUNDO GRUPO DE JOGADORES FOI MARCANTE PARA SEUS CLUBES

O Fluminense, tricampeão carioca em 1985 e campeão brasileiro de 1984, talvez tenha sido um dos times com o maior número de bons coadjuvantes. O "Casal 20" (uma referência ao nome de uma série americana de sucesso na época), formado pelo atacante Washington e pelo meia Assis, fez história. A dupla, campeã gaúcha pelo Inter em 1981 e paranaense pelo Atlético-PR em 1982, chegou ao Flu em 1983 e jogou junta até 1987. Washington e Assis chegaram inclusive à seleção brasileira, mas não tiveram o mesmo destaque por lá. Já o lateral-esquerdo Branco, outro que começou no Inter, surgiu como o sucessor de Júnior na seleção brasileira. Branco chegou ao Rio em 1982 para defender o Fluminense, ao lado de outros gaúchos (Jandir e Tato). Os três inclusive fizeram uma foto para a PLACAR, em alusão a uma foto histórica da tropa de Getúlio Vargas, que chegou ao Rio para o golpe de 1930. No Flu, Branco foi um dos protagonistas. Habilidoso e com um potente chute de esquerda, o lateral virou titular nas Copas de 1986, 1990 e 1994. Nos anos 80, passou ainda por Brescia-ITA e Porto-POR.

© RODOLPHO MACHADO

© RODOLPHO MACHADO

Assis e Washington (acima) formavam dupla tão sintonizada, que ganharam o apelido de Casal 20, mesmo nome do seriado em que marido e mulher viviam grandes aventuras. Branco, Jandir e Leomir: os gaúchos invadem o Rio de Janeiro e reproduzem foto famosa do período Vargas (à esquerda)

ATACANTES DE SUCESSO

Dois centroavantes goleadores vestiram a camisa de muitos clubes na década de 80. O carioca Cláudio Adão, que nos anos 70 já havia passado por Santos e Flamengo, rodou por Botafogo, Fluminense, Vasco, Bangu, Bahia, Cruzeiro, Portuguesa e Corinthians e ainda teve tempo de jogar no Áustria Viena, Benfica-POR e Al Ain-EAU. Já Edmar, artilheiro do Brasileiro de 1985 e do Paulista de 1988 e medalha de prata em Seul, rodou por Cruzeiro, Taubaté, Grêmio, Flamengo, Guarani, Palmeiras, Corinthians, além do Pescara-ITA.

Claudio Adão: artilheiro rodado, passou pelo Vasco, Botafogo e Fluminense

PONTE FLA-BENFICA

Dois zagueiros revelados pelo Flamengo foram para o Benfica e viraram depois estrelas do futebol europeu nos anos 90. Mozer, que começou em 1980 e conquistou os maiores títulos do Flamengo na década (Mundial, Libertadores, Brasileiro e Carioca), foi para o time português em 1987 e depois brilhou no Olympique de Marselha-FRA. Já Aldair, revelado em 1985 no Fla, chegou a Lisboa em 1989, quando já era titular da seleção, e por lá ficou um ano antes de virar ídolo da Roma-ITA.

Aldair e Mozer: dupla de zaga valiosa no Fla

Zé Sérgio interpreta com humor o drible da vaca para as lentes da Placar

QUASE CRAQUE

Ponta-esquerda de muita velocidade e driblador nato, Zé Sérgio começou como grande promessa do São Paulo. Campeão brasileiro em 1977, viveu seu auge em 1980, quando foi campeão paulista, e era titular da seleção brasileira de Telê Santana. Mas, após sofrer com seguidas lesões, perdeu a vaga para Éder e depois a chance de disputar a Copa de 1982. Foi campeão paulista ainda pelo Santos em 1984 e carioca pelo Vasco da Gama em 1987.

Tita, quando jogava pelo Flamengo

Desbravador da Alemanha

Meia-atacante revelado pelo Flamengo em 1977, Tita fez parte do timaço de Zico e companhia, que ganhou o Rio, o Brasil, a América e o mundo. Emprestado ao Grêmio em 1983, voltou a ganhar a Libertadores pelo time gaúcho. Habilidoso e goleador, o jogador defendeu ainda o Inter e o Vasco, em 1987, quando foi campeão carioca. Presente em vários jogos da seleção, Tita no mesmo ano foi defender o Bayer Leverkusen, onde se tornou campeão da Copa da Uefa e o primeiro brasileiro a fazer sucesso na Alemanha.

OS COADJUVANTES

Amizade: Leandro abandonou a seleção por lealdade a Renato Gaúcho, afastado por Telê Santana

DESERTOR SOLIDÁRIO

Mais um integrante do grande time do Flamengo campeão mundial, o lateral-direito Leandro fez parte também da seleção brasileira na Copa de 1982 e é até hoje apontado por muitos como o melhor da posição em todos os tempos no país, graças a sua técnica, ofensividade e precisão nos cruzamentos. Em 1986, às vésperas da Copa do México, o lateral acompanhou o atacante Renato Gaúcho numa balada e chegou atrasado à concentração. O técnico Telê Santana, furioso, cortou Renato do grupo. Leandro, titular absoluto do time, não se apresentou para o embarque do time para o México, em solidariedade ao amigo, e nunca mais voltou a vestir a camisa da seleção.

Zenon: ele jogava por música

SOMBRA DE ZICO

Meia de muita qualidade, lançamentos precisos e exímio cobrador de faltas, Zenon ganhou destaque após o título brasileiro pelo Guarani em 1978. Mas foi no Corinthians que viveu sua grande fase, fazendo parte do grande time da Democracia, ao lado de Sócrates e Casagrande. Não fosse a grande fase do gênio Zico, talvez o jogador tivesse mais sorte pela seleção.

Evair: artilheito matador

REVELAÇÕES BUGRINAS

Vice-campeão brasileiro de 1986, o Guarani tinha em seu grupo grandes jogadores, como o zagueiro Ricardo Rocha, que depois chegou à seleção e brilhou em Portugal, Real Madrid, Vasco e São Paulo, e o meia Boiadeiro, que também defendeu a seleção. No ataque, duas jovens revelações ganharam mais destaque: o rápido ponta-esquerda João Paulo, vendido em 1989 para o Bari, da Itália, e principalmente Evair, vice-artilheiro da competição. O centroavante, que também foi para o futebol italiano, defender o Atalanta, foi um dos grandes ídolos do Palmeiras em sua volta ao país, nos anos 90.

FIGURAS

ESTES CRAQUES NÃO PERDIAM A PIADA E TOPAVAM TODAS AS BRINCADEIRAS DA PLACAR

Biro-Biro era o coringa do Timão

Vagner Bacharel, do Verdão, matava todas no peito

Elói, o maestro do América-RJ

Acácio, o anjo da guarda da meta vascaína

Getúlio, lateral do São Paulo, adorava um carrinho

Ataliba, o risonho jogador corintiano, vivia na banheira

O zagueiro Juninho, da Ponte Preta, tinha o apelido de Super-Homem

Mendonça, da Lusa: muitos gols de bicicleta

OS BONITÕES

BATIAM UM BOLÃO

A MAIORIA JOGAVA MUITA BOLA, MAS FICARAM AINDA MAIS FAMOSOS PELA BELEZA E PELO COMPORTAMENTO EXTRA CAMPO. VEJA QUEM ENCANTAVA AS MULHERES NA DÉCADA DE 80

Não importava o dia. Podia ser um sábado à tarde ou fim de noite num domingo de fechamento da revista Placar. Num canto da redação, um aparelho de telefone, daqueles com disco para realizar as ligações, tocava estridente. Não era preciso dizer "Alô? Quem fala?", bastava dizer o endereço de correspondência do jogador Eder, ponta do Atlético Mineiro e sonho de beleza e sucesso das meninas daquela época. Era batata, logo uma voz feminina agradecia: "Era isso mesmo que eu precisava". "Boa sorte!", dizíamos.

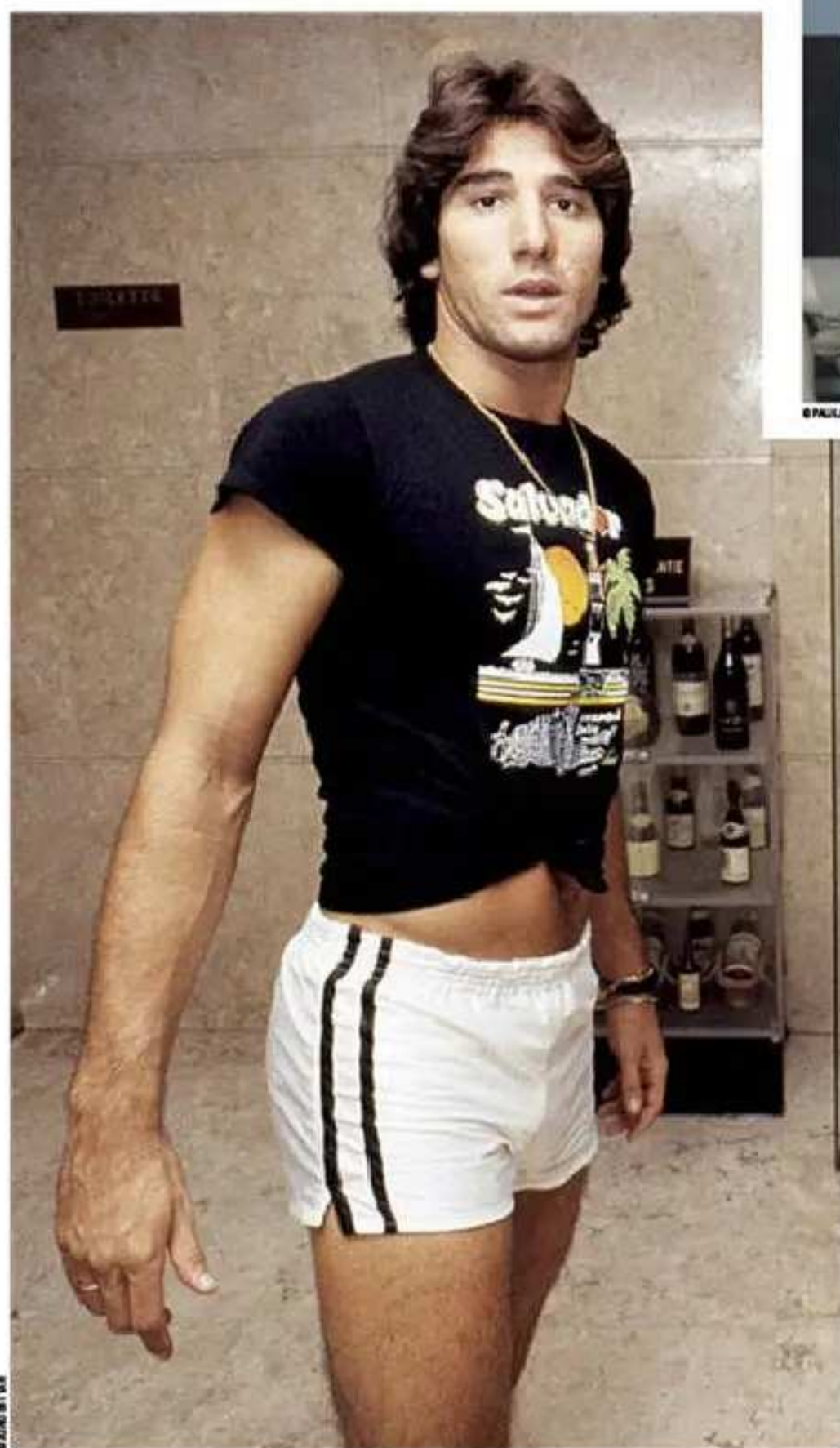
E, por falar em batata, Placar cravava que o craque mais sexy do Brasil, em 1980, era Nilton Batata. Bom, a foto está aí, publicada, tire suas próprias conclusões. Beleza é ponto de vista, afinal.

Éder era unânime, tinha todos os elementos do sucesso: carrões, roupas modernas, cabelos longos, corpo sarado, era craque e valente. Também tinha um chute possante. Quem aguentava? Outro fenômeno de sucesso era Renato Gaúcho, que, como dizia o Trapalhão Didi, até hoje dá as suas cacetadas. Jogador de futebol, na média, não era "santinho", mas Renato elevou esse patamar. Sempre cercado de mulheres, quando podia, escapava para a praia e o futevôlei. Tinha uma noiva, mas algumas namoradas lhe eram atribuídas. Usava roupas justas, muitas vezes pouca roupa, sem se preocupar com patrulhas

Éder foi símbolo sexual, especialmente em 1982, ano da Copa da Espanha

© FERNANDO SEIXAS

© PAULO SILVA

O gaúcho Renato Portaluppi fez sucesso como galã na década de 80. Primeiro, quando era ídolo do Grêmio. Depois, quando defendeu o Flamengo e virou figura carimbada no Rio de Janeiro

Renato Gaúcho tinha um estilo livre e despojado. Não se importava com julgamentos e curtia sua liberdade, a praia, mulheres e, claro, muito futebol

morais. Em campo, fez história com seu futebol agressivo e inconsequente. Driblador, conduziu o Grêmio ao título mundial, em 1983, quando foi eleito o melhor da partida em Tóquio e ganhou um carrão da Toyota. Carro, aliás, que era praticamente impossível de se importar para o Brasil naqueles tempos.

O São Paulo teve um bom histórico de bonitões. Um deles foi Oscar. Brilhante zagueiro, disputou a Copa de 1982. Fazia o tipo mais recatado, família, e era casado com uma bela mulher. No Tricolor havia também um goleiro chamado Barbirotto. Jogar, não jogava muito, mas era bonito, o danado (olhe a foto). Já no fim da década, chegou Raí. Este sim jogou muito, e por anos povoou as cabeças tricolores com sua beleza e estilo elegante. Ao contrário dos bonitões do período, Raí casou cedo, depois se separou e teve outros relacionamentos "sérios". Num contraponto ao irmão e craque Sócrates, Raí era tímido e regrado, o que lhe garantiu longevidade em bom nível no futebol. Quanto à beleza, arranca suspiros até hoje, aos 51 anos.

Craques maduros faziam sucesso naquela época, e, se fossem goleiros, ainda mais. Dois exemplos foram Leão, ex-goleiro de Palmeiras e Corinthians, e Paulo Sérgio, ex-Fluminense. Curiosamente, os dois foram escalados para campanhas publicitárias de cuecas, que causaram muito barulho em outdoors espalhados pelas ruas.

Do Sul, vira e mexe surgiam loirinhos de olhos azuis, mas o que fez mais sucesso foi Cléo. Meia atacante, foi destaque nas divisões de base do Internacional e logo serviu a seleção brasileira de novos. Seu estilo e o visual faziam lembrar Falcão. Tudo isso chamou a atenção do Barcelona, da Espanha, onde permaneceu por duas temporadas por empréstimo, em 1981. De volta ao Brasil, voltou ao Inter, e ainda passou sem brilho por Palmeiras e Flamengo. Hoje é empresário de jogadores.

Oscar: comportado estilo família

Os bonitões dos anos 80. Cada um no seu estilo. Tinha o tipo família, o sexy, o modelo, o certinho... Em comum, arrancavam suspiros das fãs

TÉCNICOS E TÁTICAS

DOS PONTAS AOS LÍBEROS

A DÉCADA FOI MARCADA POR TRANSFORMAÇÕES NAS TÁTICAS DE JOGO. DO 4-3-3, COM PONTAS ABERTOS NO ATAQUE, PASSAMOS PELO 4-4-2 ATÉ FECHAR O PERÍODO NO 3-5-2, COM UM LÍBERO

Em fevereiro de 1980, Telê Santana assumiu o comando da seleção brasileira no lugar do contestado técnico Cláudio Coutinho, que treinou o país na Copa de 1978. Adepto do futebol ofensivo, Telê Santana ganhou força em 1979, no duelo entre o seu Palmeiras e o Flamengo, de Coutinho, que acumulava o cargo com o de técnico da seleção. No Brasileirão daquele ano, no Maracanã, o Palmeiras venceu por 4 x 1, dando prova de que o futebol-arte era mais interessante naquele momento à seleção do que o pregado por Coutinho, baseado no preparo físico.

Com Telê, a seleção começou jogando no 4-3-3, como a maioria dos clubes da época. O meio-campo era formado com um volante, um meia-direita e um meia-esquerda. No ataque, o time tinha pontas jogando abertos pela direita e pela esquerda e um centroavante. Com a carência de um ponta-direita – Tita chegou a ser testado –, Telê improvisou os meias Paulo Isidoro e Toninho Cerezo na função. Após a vitoriosa excursão da seleção à Europa em maio de 1981, a equipe de Telê acabou mudando seu estilo, sem o ponta-direita. O que virou até motivo para muitos corneteiros reclamarem

Mestre Telê Santana: o time dele jogava bonito

Cilinho botava a meninada pra correr

Evaristo de Macedo na seleção

Lazaroni implantou o líbero

com o treinador – inclusive Jô Soares, que em seu programa tinha o personagem Zé da Galera, famoso pela fala: "Bota ponta, Telê!". Já na Copa de 1982, com a entrada de Falcão na equipe e Cerezo atuando como segundo volante, a seleção entrou no 4-4-2 – criado pela seleção inglesa na Copa de 1966.

Com a derrota na Copa, o 4-4-2 demorou um bocado para entrar em prática nos clubes brasileiros, que ainda jogavam no 4-3-3, com dois pontas. Parreira, Edu Coimbra e Evaristo de Macedo, sucessores de Telê na seleção, voltaram a utilizar também o 4-4-2, sem sucesso. O próprio Telê, na Copa de 1986, voltou a jogar no 4-4-2, época em que os primeiros clubes passaram a atuar assim. O São Paulo do técnico Cilinho, em 1985, ficou marcado por ser também um time ofensivo, que valorizava jogadores novos, das categorias de base. Mas seu esquema tático era o tradicional 4-3-3.

Em 1989, com a chegada do técnico Sebastião Lazaroni e seu auxiliar Nelsinho Rosa, a seleção passou a jogar no 3-5-2, com três zagueiros, dois volantes, um meia só e dois atacantes (um aberto pela ponta e um centroavante). Entre os três zagueiros, um deles fazia a função de líbero, jogando mais à frente dos outros dois. Sistema muito utilizado, com sucesso, na Europa (como a seleção italiana de 1982 e o Milan, de Baresi). No Brasil, o conceito ainda era pouco utilizado. Jornalistas criticavam e pouco entendiam, também. Jogadores e treinadores demoraram a se adaptar. Na Copa América, Ricardo Gomes exerceu, e bem, essa função na conquista do torneio. Na Copa do Mundo de 1990, com a eliminação para a Argentina, o sistema ruiu e o 3-5-2, marcado negativamente pela Era Dunga, deixou de ser implantando na seleção.

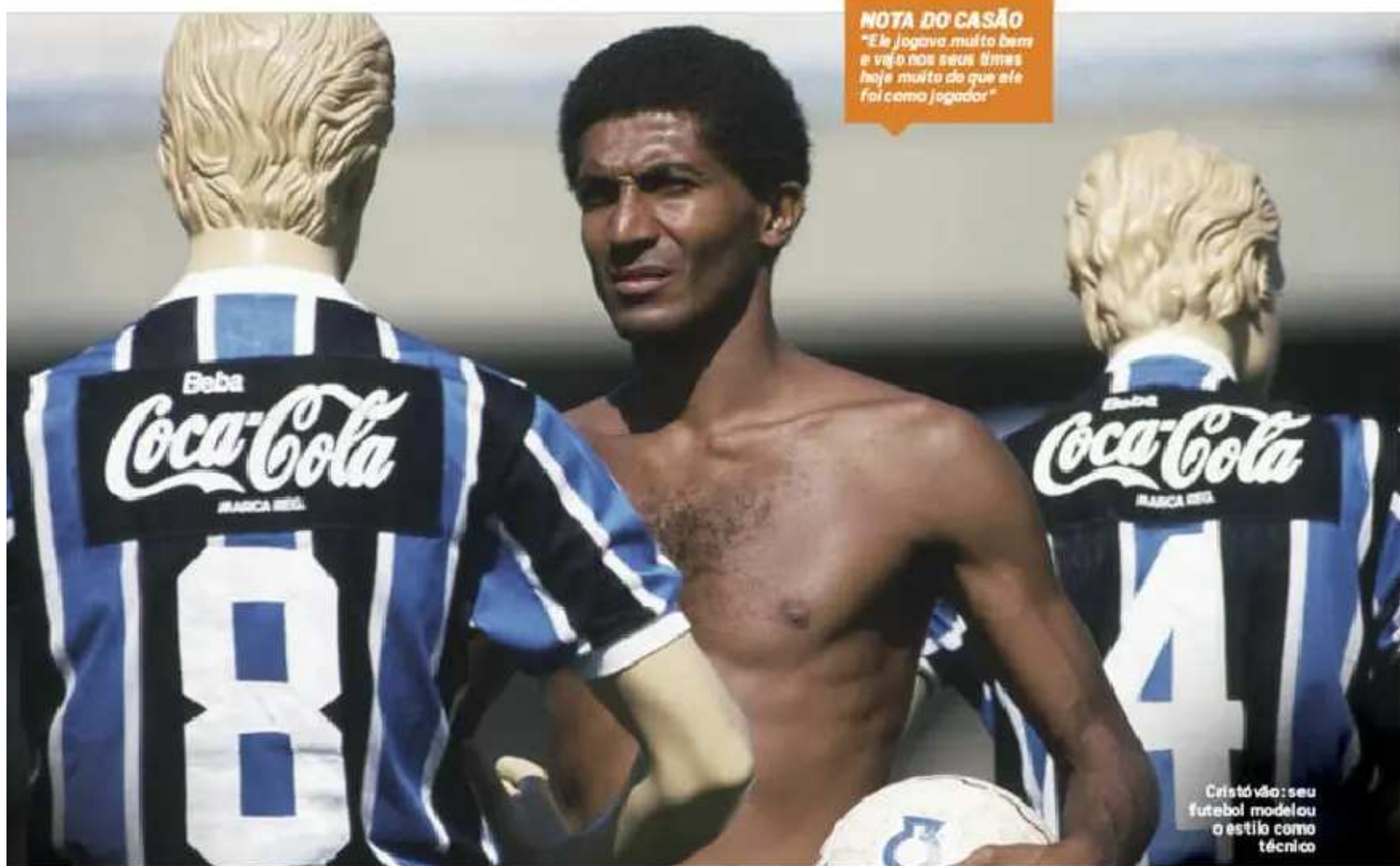
© FERNANDO MARTINELLI

O vitorioso Carlos Alberto Silva: medalha de prata olímpica em Seul, 1988

Os mais vitoriosos

Telê Santana foi o grande nome da seleção na década de 80, mas não ganhou títulos. Lazaroni, apesar de criticado, venceu a Copa América em 1989, pondo fim a um jejum de 40 anos na competição, e foi tricampeão carioca (1986, com o Flamengo, e 1987 e 1988, com o Vasco). Além deles, outros técnicos de destaque na década foram Carlos Alberto Parreira, campeão brasileiro pelo Flu em 1984; Ênio Andrade, campeão brasileiro com o Grêmio (1981) e Coritiba (1985); Carpegiani, campeão carioca, brasileiro, da Libertadores e do Mundial Interclubes com o Flamengo em 1981; Valdir Espinosa, que também ganhou a Libertadores e o Mundial pelo Grêmio, em 1983, e tirou o Botafogo da fila do Estadual em 1989. No Rio de Janeiro, Carlos Alberto Torres levou o Flamengo ao título brasileiro em 1983 e foi campeão carioca pelo Flu, em 1984. Por lá, ganharam também o Estadual Nelsinho Rosa, Carbone e Antônio Lopes. Em São Paulo, além de Cilinho, outro grande nome foi Carlos Alberto Silva, que ganhou dois Paulistas (1980 e 1989) e chegou à seleção brasileira em 1987 e 1988, ganhando a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Seul.

As pranchetas dos mestres

NOTA DO CASÃO
"Na Europa, ao jogar contra um líbero, achei que nunca me ia faria um gol"

4-3-3 Zagallo 1970

Tostão
Pelé
Jairzinho
Rivellino
Gerson
Clodoaldo
Everaldo
Carlos Alberto
Piazza
Brito
Félix

4-4-2-2 Telê Santana 1982

Serginho
Éder
Zico
Sócrates
Cerezo
Falcão
Júnior
Leandro
Luizinho
Oscar
Valdir Peres

3-5-2 Lazaroni 1989

PROFESSORES

Cristóvão: seu futebol modelou o estilo como técnico

©LEMYR MARTINS

ERAM CRAQUES NOSSOS TÉCNICOS?

MUITOS DOS NOSSOS TREINADORES ATUAIS, COMO CUCA, RICARDO GOMES, CRISTÓVÃO E ATÉ TITE, ERAM JOGADORES NOS ANOS 80. SERÁ QUE JOGAVAM MAIS DO QUE PEDEM AOS SEUS COMANDADOS HOJE EM DIA?

Se você ouvir o técnico Renato Gaúcho, atual campeão da Copa do Brasil, na beira do gramado, pedir que o atacante vá pra cima, acredite, ele sabe do que fala. Renato era exatamente assim: ponta driblador, daqueles que não têm medo de defesa e com grande qualidade técnica. Foi campeão da Libertadores e Mundial pelo Grêmio, em 1981, do Brasileiro pelo Flamengo, em 1987, e depois defendeu a Roma, da Itália, com menos brilho. Polêmico, era de comportamento livre, sem amarras, curtia a vida, especialmente no Rio de Janeiro, onde se achou. Futebol, praia e mulheres. Um estilo de vida que não caberia aos seus comandados nos dias de hoje. A pergunta é: será que Renato aceitaria em sua equipe algum jogador com perfil igual ao seu nos anos 80?

O técnico Cuca, campeão brasileiro em 2016 pelo Palmeiras, foi um ótimo jogador. Assim como Renato, foi bem no tricolor gaúcho, sendo bicampeão estadual e campeão da Copa do Brasil em 1989. Meia-direito de boa técnica e bons passes, Cuca, porém, ficou marcado por um episódio polêmico, em 1987. Ao lado de Henrique, Eduardo e Fernando, com-

panheiros de equipe, foi acusado de estuprar a menor Sandra Pfaffli, de 13 anos, após uma excursão do Grêmio à Suíça. Todos ficaram detidos no país por 28 dias, mas depois foram liberados e inocentados. Em 1992, Cuca teve uma rápida passagem pelo Palmeiras. Fez 24 partidas e marcou sete gols, sendo vice-campeão paulista.

O atual técnico do santos, Dorival Júnior, foi um discreto volante nos anos 80. Conhecido na época apenas como Júnior, vivia mais à sombra do tio Dudu, ídolo do Palmeiras nos anos 60 e 70. Mediano, Dorival passou por equipes pequenas até viver sua melhor fase justamente no Palmeiras, entre 1989 e 1992, sem conquistar nenhum título.

E o professor dos professores, jogava muita bola? Adenor Bacchi, mais conhecido como Tite, técnico da seleção, foi um volante de forte marcação e bom de passe (o que não é pouco para os dias de hoje), que começou no Caxias, em 1978. Depois, atuou pela Portuguesa e Guarani, onde foi vice-campeão brasileiro em 1986 e vice paulista, em 1988. Tite não era um gênio, mas tinha suas qualidades. Companheiros do início de carreira, em Caxias do Sul (RS), apontam que o treinador demonstrava liderança em campo, orientando seus companheiros e sendo a voz do técnico dentro do gramado.

Bom volante na época, revelado pelo Internacional, Dunga começou como técnico em 2009, dirigindo de cara a seleção brasileira, onde foi bem até a eliminação para a Holanda nas quartas de final da Copa de 2010. Depois de dirigir o Inter em 2013, sem sucesso, e novamente a seleção, também sem grandes resultados, em 2015 e 2016, caiu no ostracismo. Dunga era raçudo, com grande vigor físico, daqueles que chegavam forte quando necessário. Sempre foi o tipo que batia no peito e, atuando nos gramados, já dava pinta do que seria como técnico. Foi exatamente isto, a busca por uma patriotada, que levou Dunga direto para a seleção, sem escalas em clubes.

Jorginho, ex-treinador do Vasco, foi um ótimo lateral-direito no Flamengo e na seleção brasileira na década de 80. Era craque, muito bom de bola, excelente no apoio, forte fisicamente. Sua inclinação religiosa, ligada aos Atletas de Cristo, contrastava com o clima daqueles anos. Sua pegada moralista o tornou auxiliar de Dunga na seleção, quando o comportamento valia mais que a bola que o cara jogava. Foi campeão da Série B pelo Vasco, mas agora está desempregado. Para o seu lugar, o clube contratou Cristóvão Borges, meia que teve destaque nos anos 80 no Fluminense, Atlético-PR, Corinthians e, principalmente, Grêmio, onde ganhou três Gauchões e uma Copa do Brasil. Cristóvão era um volante que se encaixaria bem em qualquer clube atualmente. Sabia criar, dava bons passes e tinha ótima conclusão. Cristóvão, aliás, começou como técnico depois de ser auxiliar de Ricardo Gomes no Vasco. Ex-zagueiro de Fluminense e Benfica-POR, Ricardo foi um dos melhores da década de 80, brilhando pela seleção na Copa América de 1989. No ano passado, dirigiu Botafogo e São Paulo no Brasileirão.

Dunga (acima), no Corinthians, já mostrava o estilo bordoada. Tite (acima), foi vice-campeão brasileiro pelo Guarani em 1986. Cuca (à esquerda) no Grêmio, era habilidoso e Dorival, quando era chamado de Júnior e defendia o Palmeiras

Craques não vingaram

Outros grandes jogadores brasileiros na década viraram treinadores. Porém, nem todos tiveram muito êxito por aqui. Zico, craque do Flamengo, da Udinese-ITA e seleção brasileira, fez sucesso treinando times e seleções no exterior, como Kashima Antlers-JAP, Fenerbahçe-TUR, CSKA Moscou-RUS e seleção japonesa. Falcão, ídolo da Roma-ITA, assumiu a seleção brasileira em 1991, mas fracassou e depois teve poucas e vitoriosas passagens pelos clubes. Foi bem no América do México, entre 1991 e 1993, e recentemente treinou, sem brilho, Internacional, Bahia e Sport.

AS REVELAÇÕES

BERÇO DE CRAQUES

CAMPEÃO MUNDIAL DE JUNIORES EM 1983 E 1985, O BRASIL REVELOU UMA ÓTIMA GERAÇÃO DE JOGADORES NA DÉCADA DE 80, QUE VIRIA A SE CONSAGRAR TAMBÉM NOS ANOS 90

Em 1977, a Fifa realizou o Mundial de Juniores (sub-20) pela primeira vez na história. Três edições depois, no México, em 1983, a seleção brasileira conseguiu seu primeiro título. Então, começamos a prestar mais atenção nos novatos. Uma nova safra de jogadores chegava para fazer sucesso no futebol nacional. Alguns dos mais consagrados foram o volante Dunga, revelado pelo Inter, o então franzino atacante Bebeto, do Vitória, e o lateral-direito Jorginho, que começou no América-RJ. Dunga apresentava muita força física e marcação implacável. Passou por Corinthians, Vasco, Santos e pelo futebol italiano, antes de ter uma ótima fase na Alemanha, na década de 90. Lá atrás, garoto, já dava a pinta de que seria o técnico queixo grande, que não mediria palavras e cobraria garra até do porteiro do clube. Bebeto e Jorginho, após o Mundial sub-20, brilharam no Flamengo e nos anos 90 tiveram sucesso também na Europa. Bebeto pelo La Coruña-ESP, e Jorginho, pelo Bayern Munique-ALE. Os três, aliás, foram peças fundamentais depois nos títulos da Copa América de 1989 e da Copa do Mundo de 1994 com a seleção brasileira. Bebeto marcou muito pelo seu comportamento frágil, sensível, incomum para a época. Por vezes era chamado de chorão, mas nunca fugiu de enfren-

Surgia Romário: o gênio compreendido

Neto bem novinho no Guarani

Taffarel: craque no gol

tar adversários. Ser franzino não o impedia de ser valente.

No Mundial sub-20 de 1985, realizado na União Soviética, a seleção brasileira do técnico Gílson Nunes conquistou o bicampeonato sem sua grande estrela juvenil, o atacante Romário, artilheiro do Sul-Americano, mas cortado por indisciplina. Romário penou para ser aceito como era, mas os resultados e a genialidade na área, com o tempo, deram salvo-conduto ao craque para ele jogar da maneira como gostava de viver: livre e criativamente.

Daquela geração, além do Baixinho, outra grande revelação, que também ganhou a Copa do Mundo de 1994, foi Taffarel. O goleiro, que começou no Internacional, logo após o título do Mundial sub-20 ganhou suas primeiras chances no profissional do Colorado e por lá brilhou até 1990, quando foi para o futebol italiano. Goleiro de muita técnica e agilidade, Taffarel mostrou-se um especialista nos pênaltis e foi também titular da seleção brasileira na década de 90.

E nesse período, entre 1983 e 1985, outros dois grandes jogadores que não disputaram o Mundial sub-20 também vingaram no fim da década de 80 e durante os anos 90: Zinho e Neto. O primeiro, que começou como ponta-esquerda no Flamengo em 1983, jogou por quase dez anos no rubro-negro, até virar ídolo no Palmeiras entre 1993 e 1999, quando já passou a jogar como meia, posição em que foi campeão da Copa do Mundo de 1994. Zinho era um jogador moderno. Às vezes, seu estilo mal compreendido o fazia ser comparado a uma enceradeira, especialmente pelos paulistas, até que ele veio ganhar títulos pelo Verdão. Zinho colava a bola no pé e a conduzia muito bem pelo campo. Mal comparando, é o que fazem hoje jogadores como Messi. Já o meia Neto, revelado pelo Guarani, passou por Bangu, São Paulo e Palmeiras, antes de se consagrar no Corinthians. Exímio cobrador de falta, Neto conquistou os torcedores por seu estilo raçudo e polêmico e por carregar o time na conquista do primeiro título brasileiro do Corinthians, em 1990. Neto passou a maior parte da carreira numa briga pessoal contra a balança, quase sempre perdendo para ela, mas nunca perdendo para a bola, que guardava no ângulo, como ninguém.

© FERNANDO PIMENTEL

Marcelinho Carioca no primeiro ano de Flamengo. Promovido ao profissional aos 16 anos, em sua estreia substituiu ninguém menos que Zico. Leonardo (abaixo) foi outro craque das divisões de base da Gávea. Normalmente bom moço, teve dois rompantes de raiva que o marcaram no futebol

Na década, conhecemos ainda o goleiro Ronaldo (titular do Corinthians entre 1988 e 1997), outro polemista do Timão, mas grande embaixo das traves. O volante César Sampaio (revelado pelo Santos e que depois brilhou no Palmeiras) marcava e saía jogando, e ficou famoso pela devoção cristã. Tivemos ainda o zagueiro André Cruz (ex-Ponte Preta, Milan e seleção) e o atacante Bismarck (Vasco). Em 1989, as principais revelações foram o lateral-esquerdo Leonardo, que começou no Flamengo e depois arrebentou no São Paulo, Paris Saint-Germain, Milan e seleção brasileira nos anos 90. Leonardo era o "darling" rubro-negro, com seu estilo leve e ar de bom moço. Segurou a imagem de queridinho até dar uma cotovelada "assassina" em Tab Ramos, dos Estados Unidos, na Copa de 1994. Comportamento agressivo que se repetiu e o retirou do futebol por nove meses, como dirigente, após empurrar um árbitro na França, em 2013.

Um dos últimos grandes nomes que surgiram na década foi Marcelinho Carioca. O Pé de Anjo (por ser exímio cobrador de faltas) iniciou a carreira no Flamengo, que era um berço de bons jogadores. Miúdo, ao ser promovido aos profissionais, substituiu ninguém menos que Zico num Fla-Flu e não sentiu a pressão. Seguiu no clube até 1993, quando se transferiu para o Corinthians, onde se consagrou. Polêmico por falar muito em Deus e agir de forma diferente que o recomendado pela Bíblia, Marcelinho chegou a ganhar o título de jogador mais odiado do futebol brasileiro, em pesquisa feita pela Placar junto a colegas boleiros em todo o país, no ano de 2000.

Dunga já mostrava seu estilo: vai encarar?

RELIGIOSIDADE

NOTA DO CASÃO
"Tinha muito colega meu que aderiu ao movimento Atletas de Cristo na fachada. Por trás continuavam baladeiros"

Müller e Silas: religiosos fora, mas infernais em campo

SANTINHOS?

UM MOVIMENTO CHAMADO ATLETAS DE CRISTO SURGE COMO EXPRESSÃO DA FÉ DE MUITOS ATLETAS. AS ENTREVISTAS E OS MÉRITOS PELAS CONQUISTAS NUNCA MAIS SERIAM AS MESMAS, TODAS COMPARTILHADAS COM O PLANO SUPERIOR

"Graças a Deus, hoje conseguimos sair com os três pontos. O Senhor sabe o que faz e por isso estamos no caminho certo no campeonato, com muita fé e... se Deus quiser, vamos sair vitoriosos." Frase comum de se ouvir hoje em dia, certo? A relação entre a fé e o futebol foi sempre presente. É praticamente um jargão mencionar Deus em entrevistas pós-jogos. Apontar os dedos indicadores ao céu na hora de comemorar gol, então, é mais comum ainda. E foi nos anos 80 que o movimentos religiosos evangélicos ganharam mais corpo e voz no futebol.

Em dezembro de 1984, João Leite, ex-goleiro do Atlético Mineiro, atualmente político, e o centroavante Baltazar, apelidado de "o artilheiro de Deus", criaram com outros esportistas a Missão Atletas de Cristo, um grupo que tinha como objetivo evangelizar atletas de várias modalidades. Jogadores como Müller, Silas,

Evair, Bebeto, Batista, Jorginho, Taffarel e esportistas como o ex-piloto de Fórmula 1 Alex Dias Ribeiro fizeram parte desse movimento. Nesse período, os Atletas de Cristo aproveitavam cada oportunidade de entrevistas na TV, rádios, jornais e revistas para a pregação, o que muitas vezes os tornava evasivos e dispersos do assunto futebol. O tema mereceu a capa da revista Placar, em 1985. Baltazar, por exemplo, surpreendeu quando chegou ao Palmeiras, em 1982, e distribuía autógrafos com salmos, em vez de abraços.

Silas e Müller, que formavam a dupla sensação do São Paulo e integravam o grupo apelidado de Menudos do Morumbi, em 1985, foram provavelmente os jogadores que mais representaram os Atletas de Cristo. Uma Bíblia sempre os acompanhava nos treinamentos, nos jogos e viagens. Mas, no campo, infernizavam a vida dos adversários. Em entrevista para a Placar, em 1987, Silas comentou que a ideia que as pessoas tinham sobre esses atletas era errada: "Nos tratam como algo sobrenatural. Ora, eu sou humano... Quando é preciso, mato a jogada e revido faltas".

Mas o destino traçou caminhos diferentes para cada um. Silas entrou ainda mais na crença religiosa e Müller se desgarrou do grupo. Na entrevista, Silas comentou que Müller "nunca teve uma experiência verdadeira com Deus, já que quem aceita Cristo não volta atrás". Se ele teve ou não uma experiência concreta com Cristo, não sabemos. O certo é que Müller curtiu a vida adoidado. Em 1987, o jogador largou os Atletas de Cristo, casou com Jussara, uma ex-chacrete, e mudou de comportamento. Posou sem camisa para a capa de Placar, colocou brinco na orelha e virou símbolo sexual. O casamento durou três anos e eles tiveram três filhos e muita confusão. Em 1993, o atacante se casou com Miriam, uma fiel de apenas 17 anos, realizou uma cerimônia milionária e depois de dois meses se separou.

Müller abandonou a vida religiosa intensa e saiu do grupo Atletas de Cristo. Aí foi loucura! Colocou brincos, virou símbolo sexual e curtiu a vida adoidado. Como no dia em que posou para a capa da Placar com uma sósia da cantora Madonna. Recentemente, o ex-craque afirmou que gastou tudo que ganhou no futebol com mulheres. Acima, a capa da revista com a reportagem sobre o grupo que veio para evangelizar atletas, fundado por João Leite, ex-goleiro do Galo de Minas Gerais, e Baltazar, o "Artilheiro de Deus" (ao lado)

OS MALDITOS

MALVADOS FAVORITOS

INCONSEQUENTES, BRIGUENTOS, GUIADOS PELA EMOÇÃO, AUTÊNTICOS... BONS DE BOLA. OS ANOS 80 FORAM MARCADOS POR JOGADORES QUE TINHAM PERSONALIDADE FORTE E QUE NÃO SE LEVAVAM TÃO A SÉRIO

NOTA DO CASÃO
"Quando o Chulapa entrava fantasiado em campo, o adversário demorava 15 minutos para entender e entrar no jogo"

Serginho: para ele, malandro é malandro e mané é mané

Sérginho Chulapa é, provavelmente, o jogador que melhor explica os malditos daquele período. Artilheiro, polêmico, craque e briguento eram adjetivos que acompanhavam as resenhas do centroavante. Trazia a alegria e a porradaria para dentro do campo. O centroavante é ídolo do Santos e do São Paulo, onde é o maior artilheiro de todos os tempos, com 242 gols. Além de saber balançar as redes, Chulapa também sabia se envolver em confusão e promover os jogos como ninguém. Era comum ver Chulapa fazer apostas com colegas do time adversário. Quem perdia pagava um mico. Fortalecia uma rivalidade positiva, pelo menos antes dos jogos, mas, se fosse preciso, dava uns sopapos em campo. No fim dos anos 70, por exemplo, o jogador pegou uma suspensão de 14 meses por ter agredido com um chute na canela um bandeirinha. Tal punição fez com que ele perdesse a Copa de 1978, já que ele seria presença certa. Em 1983, protagonizou uma briga histórica, em pleno Morumbi, ao se engalfinhar com o zagueiro corintiano Mauro. Sobrou sopapo pra todo mundo.

Em outro episódio, no mesmo ano, a confusão foi parar na polícia do Rio de Janeiro. O Flamengo venceu o Santos por 3 a 0, e, após terceiro gol, o jogo se transformou em uma pancadaria. Chulapa foi acusado de agredir um fotógrafo e foi condenado a três meses de prisão, pena que cumpriu em liberdade por ser réu primário.

Outro craque e rebelde era o meia Mário Sérgio Pontes de Paiva. Apelidado de "Vesgo", pela habilidade que tinha de dar passes para um lado, enquanto corria para outro, o jogador também ficou marcado por polêmicas na carreira.

Tinha o apelido de "Rei do Gatilho". Ganhou a alcunha após ter dado tiros para cima, com um revólver, para afugentar torcedores do São José-SP, em 1981, que atrapalhavam a concentração do São Paulo antes de uma partida. Apostador em corridas de cavalos, Mário foi pego no

exame antidoping pelo uso de anfetamina, quando jogava pelo Palmeiras, em 1984. Foi suspenso por 90 dias. Nada disso apagou da memória o futebol exuberante que jogava. Mário Sérgio foi uma das vítimas mortas no voo da Chapecoense, encerrando também sua bonita carreira como comentarista esportivo.

Os malvadões levavam uma boa vantagem em relação aos dias de hoje. Nos anos 80, os juízes e até mesmo a interpretação das regras eram mais tolerantes. Eram os tempos do carrinho livre. Nesse quesito, um grande especialista em levantar adversários foi o zagueiro Márcio Rossini (veja a que altura ele levantou João Paulo, do Corinthians, na foto desta reportagem: fácil, fácil, foi mais de 1 metro). Com a desculpa que tinham ido "na bola", muitos craques foram quebrados ao meio por "xerifões" como Rossini. Um dos jogadores mais estigmatizados pela violência foi Márcio Nunes, ex-lateral do Bangu. Em 1985, Zico dominou a bola no meio de campo e recebeu um carrinho do lateral do Bangu. A entrada assassina causou cinco lesões graves no Galinho e o tirou dos gramados por quase um ano, passando por três cirurgias e uma duríssima recuperação para disputar a Copa do Mundo de 1986. Um ano após o episódio, Zico reencontrou Márcio Nunes e o perdoou. Já o lateral ficou marcado para sempre como o agressor de Zico. Ironicamente, Márcio sofreu uma contusão muito parecida, três anos depois, o que o fez abandonar o futebol precocemente, aos 25 anos.

Outro jogador com fama de violento foi Dema, do Santos. Fama alcançada, e merecida, graças à quantidade de faltas que ele cometia e à enormidade de cartões com que os juízes o "premiavam". Em 1985, o volante recebeu 17 cartões em apenas 20 jogos. Um recorde. Dema era marcado pelos juízes, uma espécie de Felipe Melo do período. A falta podia até não ser para cartão, mas ele recebia ao menos o amarelo. Suas entradas fortes também lhe custaram caro. De tanta pancada que enfiou, algumas sobraram para ele, e o contato físico também lhe causava lesões recorrentes, o que encurtou sua carreira.

© SÉRGIO BEREZOVSKY

© MARCO ANTONIO CAVALCANTI

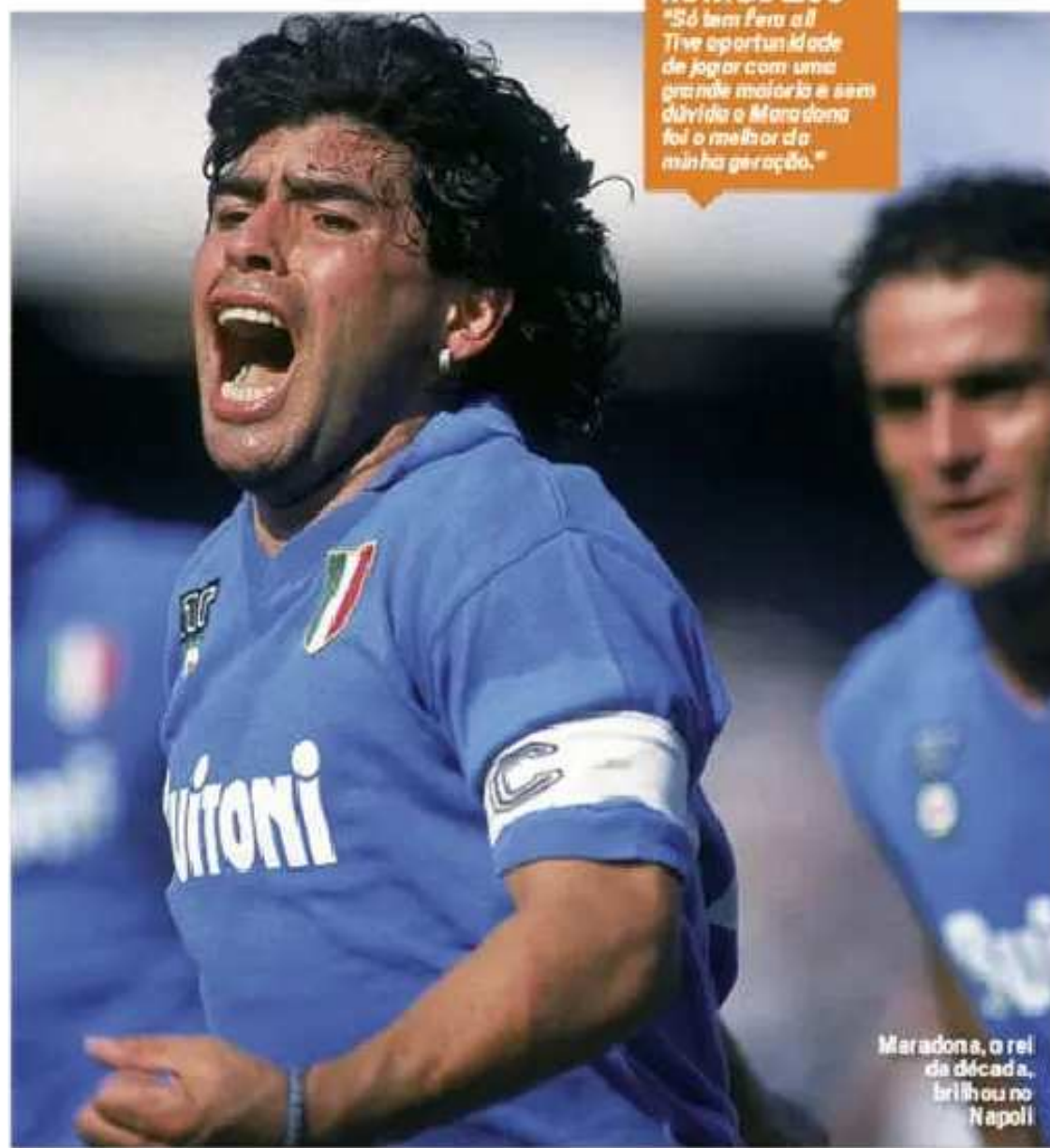
© ACERVO

Márcio Rossini e seu delicado estilo "levanta inimigo", no alto, à esquerda, e embaixo, fantasiado de xerife matador. Márcio Nunes, acima, quebrou Zicou e quase tirou o Galinho da Copa de 1986. Ficou estigmatizado, depois experimentou do mesmo veneno

OS GRINGOS

Muitos craques brilharam nos anos 80 pelo mundo. Ninguém mais que Diego Maradona. Outros tantos marcaram o período, como os geniais Van Basten, Platini, Paolo Rossi, Rummenigge e Lineker. Relembramos aqui quem fez história naquela década

DEUS MARADONA

Maradona surgiu para o futebol pelo Argentinos Juniors, em 1976, dez dias antes de completar 16 anos. Ele encantou os compatriotas com dribles curtos, genialidade e gols. Teve passagem brilhante pelo Boca Juniors e em menos de dois anos foi vendido ao Barcelona pela quantia recorde de 7,3 milhões de dólares em julho de 1982, após a Copa do Mundo da Espanha, onde não conseguiu brilhar tanto com a seleção argentina, aos 22 anos. No Barça, o craque teve altos e baixos. Chegou com hepatite e demorou três meses para estrear. Em campo, como sempre, fez a diferença. No segundo semestre de 1982, fez 12 gols em 16 jogos até sofrer uma grave lesão no tornozelo esquerdo e ficar mais três meses fora. Na volta, ajudou o clube a ganhar a Copa do Rei sobre o Real Madrid. Mas a briga com a diretoria, as baladas e o início do uso de drogas, como descreveu em sua biografia, atrapalharam sua ascensão. Em sua primeira temporada, fez 23 gols em 36 jogos. Já na segunda (1983/84), foram 15 gols em 23 jogos. Nela, levou o clube ao vice do Espanhol e novamente à final da Copa do Rei. Porém, arrumou uma briga generalizada na decisão contra o Athletic Bilbao, que levou o título, e foi punido com três meses de suspensão. Endividado e sem clima no clube, Maradona aceitou a proposta do Napoli, que pagou 13 milhões de dólares (recorde para um jogador na época) e foi para a Itália. Por lá, na temporada de estreia (1984/85), foi o terceiro artilheiro da Série A (14 gols) e apenas 8º colocado no Italiano. Na seguinte, 1985/86, levou o clube ao 3º lugar e fez 11 gols. Depois disso, encantou o mundo na Copa do Mundo do México, onde praticamente carregou a seleção argentina ao título mundial com exibições históricas. Apontado como o melhor jogador do mundo, Maradona viveu seu auge na temporada 1986/87, quando conduziu o Napoli ao inédito título italiano e também da Copa Itália. Artilheiro do Campeonato em 1988, Maradona deu ao clube o título da Copa da Uefa em 1989 e mais um Italiano, em 1990. A década acabaria com um novo rei no trono do futebol.

NOTA DO ZICO
"Só tem fera aí! Tive oportunidade de jogar com uma grande maioria e sem dúvida o Maradona foi o melhor da minha geração."

Maradona, o rei da década, brilhou no Napoli

©GETTY IMAGES

Onde jogou na década
Argentinos Juniors-ARG (80), Boca Juniors-ARG (81-82), Barcelona-ESP (82-84) e Napoli-ITA (84-89)
Títulos *Argentino (81), Copa do Rei da Espanha (83), Supercopa Espanhola (83), Italiano (87), Copa da Itália (87), Copa da Uefa (89) e Copa do Mundo (86)*

Rei Platini

Meia-direita de extrema técnica, qualidade refinada e lançamentos precisos, Michel Platini foi um goleador nato. Revelado pelo pequeno Nancy, aos 17 anos, em 1972, tornou-se o maior artilheiro do clube (127 gols). Em 1979 foi para o Saint-Étienne, onde ganhou o título nacional em 1981. Maior nome da seleção francesa, foi um dos destaques da Copa do Mundo de 1982, quando chegou à semifinal. Pouco depois, aos 27 anos, transferiu-se para a Juventus, da Itália, onde virou ídolo, campeão de tudo e foi apontado como o melhor jogador do mundo por três anos (1983, 1984 e 1985) pela revista *France Football*, no prêmio Ballon d'Or. Em sua primeira temporada na Itália, foi artilheiro com 16 gols e vice-campeão da Copa dos Campeões. Na segunda, 1983/84, foi novamente artilheiro (20 gols), campeão nacional e da extinta Recopa Europeia. Ainda em 1984, foi artilheiro e campeão da Eurocopa. Em cinco jogos, marcou 9 gols (recorde que dura até hoje). Em 1985, foi novamente artilheiro do Italiano e ganhou os títulos da Copa dos Campeões e do Mundial Interclubes. Em 1986, foi campeão italiano e destaque da Copa do Mundo do México, quando chegou outra vez à semifinal, eliminando o Brasil. Pela seleção francesa, marcou 41 gols em 72 jogos e foi o maior artilheiro até 2007, quando foi superado por Henry. Aos 32 anos, em 1987, decidiu encerrar a carreira. Um ano depois virou técnico da seleção francesa. Não obteve o mesmo sucesso como jogador e depois virou dirigente, chegando à presidência da Uefa em 2007, onde ficou até 2015, quando foi afastado por corrupção e banido por quatro anos do futebol.

Onde jogou na década
Saint-Étienne–FRA (80-82) e Juventus–ITA (82-87)
Títulos *Francês (81), Italiano (84 e 86), Copa da Itália (83), Recopa Europeia (84), Liga dos Campeões (85), Supercopa Europeia (84), Mundial Interclubes (85) e Eurocopa (84)*

Platini: um dos maiores jogadores franceses de todos os tempos

Van Basten: craque e artilheiro, comemora gol na Eurocopa, em 1988

© GETTY IMAGES

SAN MARCO

Centroavante de rara técnica, excelente visão de jogo e posicionamento, o holandês Marco van Basten foi um dos mais precisos na área, com um poder de finalização impressionante. Alto (1,88 m), também era forte no cabeceio. Não fosse o eterno problema no tornozelo direito, o craque poderia ter tido uma carreira mais longa. Foi revelado pelo Ajax aos 17 anos, em 1982 – estreou substituindo o ídolo Cruyff e marcando um gol. Por lá, foi três vezes campeão nacional e quatro vezes artilheiro na sequência. Levou ainda mais três Copas Holandesas e a Recopa Europeia de 1987, quando marcou o gol do título na final. Com 154 gols em 174 jogos pelo Ajax, Van Basten foi comprado pelo Milan em julho de 1987, sendo uma das grandes apostas de seu presidente, Silvio Berlusconi, que acreditou no atacante mesmo com seus problemas físicos. Em sua primeira temporada, o holandês, que havia passado por cirurgia no tornozelo, disputou apenas 11 jogos. Recuperado da lesão, foi para a Euro de 1988 como reserva. Porém, com grandes exibições, reconquistou seu espaço, fez gols importantes e levou a Holanda à inédita final. Na decisão, fez um golaço histórico, de sem-pulo, contra a União Soviética, e conduziu o time na vitória por 2 x 0, conquistando o título com direito à artilharia da competição. Seu desempenho foi fundamental para ser eleito o melhor do mundo em 1988. Na temporada seguinte, 1988/89, o atacante teve sua melhor fase pelo Milan, disputando 47 jogos e marcando 33 gols. Dez deles na Copa dos Campeões, onde foi artilheiro e campeão. Artilheiro ainda do Campeonato Italiano e campeão do Mundial Interclubes em dezembro, Van Basten foi novamente eleito como o melhor jogador do mundo em 1989. Campeão europeu em 1990, o atacante teve uma atuação apagada na Copa do Mundo daquele ano. Em 1991/92, foi artilheiro e campeão italiano invicto e eleito novamente o melhor jogador do mundo. O craque encerrou precocemente sua carreira, aos 30 anos, em 1994.

Onde jogou na década
Ajax–HOL (80-87) e Milan (87-89)
Títulos *Holandês (82, 83 e 85), Copa da Holanda (83, 86 e 87), Recopa Europeia (87), Italiano (88), Supercopa Italiana (89), Liga dos Campeões (89), Mundial de Clubes (89), Supercopa Europeia (89) e Eurocopa (88)*

OS GRINGOS

© GETTY IMAGES

Na onda do dreadlock

Holandês de origem surinamesa, Ruud Gullit foi uma das grandes figuras da década e também um dos principais jogadores. Com sua vasta cabeleira estilo dreadlock, chutes potentes e muita velocidade, o meia foi um dos ícones do grande Milan campeão italiano, europeu e mundial e também da seleção holandesa, onde sagrou-se campeão da Euro de 1988 como capitão. Revelado pelo pequeno Harleem-HOL, o jogador, que desempenhou múltiplas funções em campo, como de líbero, meia e atacante, foi campeão pelo Feyenoord, jogando ao lado de Cruyff, em sua última temporada (1983/84). Depois, teve ainda duas temporadas vitoriosas no PSV Eindhoven antes de ser vendido ao Milan, em julho de 1987, por 9 milhões de dólares. Pelo clube italiano, fez uma ótima temporada de estreia e foi o grande nome do time na conquista do título da Série A. Em 1987, foi eleito melhor do mundo pela revista *France Football*.

Onde jogou na década
Harleem-HOL (80-82), Feyenoord-HOL (82-85), PSV Eindhoven-HOL (85-87) e Milan-ITA (87-89)
Títulos *Holandês (84, 86 e 87), Copa da Holanda (84), Italiano (88), Supercopa Italiana (89), Liga dos Campeões (89), Mundial de Clubes (89), Supercopa Europeia (89) e Eurocopa (88)*

CARRASCO BRASILEIRO

Apelidado de Il Bambino d'Oro (Menino de Ouro) na Itália, o atacante Paolo Rossi foi um dos maiores personagens do futebol no início da década de 80. Envolvido num escândalo de corrupção no Campeonato Italiano, quando jogava pelo Vicenza, o centroavante foi punido por dois anos (depois inocentado). Contratado pela Juventus, em 1981, só foi liberado para jogar um mês antes do início da Copa do Mundo de 1982. Destaque da Azzurra na Copa de 1978, na Argentina, Rossi fez um mundial brilhante na Espanha, principalmente no jogo que eliminou o Brasil, quando marcou os três gols na vitória por 3 x 2 no estádio Sarriá, tornando-se um dos grandes carrascos do futebol brasileiro e causa de pesadelo de muitos até hoje. Campeão e artilheiro da Copa, o centroavante foi também eleito o melhor da Copa pela Fifa e do mundo pela *France Football*. Depois disso, ganhou tudo pela Juventus até 1985.

Onde jogou na década
Perugia-ITA (80), Vicenza-ITA (80-81), Juventus-ITA (81-85), Milan-ITA (85-86) e Hellas Verona-ITA (86-87)
Títulos *Italiano (82 e 84), Copa da Itália (83), Recopa Europeia (84), Supercopa Europeia (84), Copa dos Campeões (85) e Copa do Mundo (82)*

BOM MOÇO E GOLEADOR

© GETTY IMAGES

Um dos maiores artilheiros da história do futebol inglês, Gary Lineker ficou conhecido não só pelos gols como também por seu *fair play*. Em 649 jogos (329 gols marcados), não levou um cartão amarelo ou vermelho. Lineker foi revelado em 1978 pelo Leicester, onde jogou até 1985, quando foi artilheiro do Inglês com 24 gols. Comprado pelo Everton, Lineker foi novamente o maior goleador do Campeonato Inglês na temporada 1985/86 com 30 gols. Ainda em 1986, foi o artilheiro da Copa do Mundo com seis gols pela seleção inglesa, onde fez ao todo 48 gols e é até hoje o terceiro maior goleador. Após o Mundial do México, foi comprado pelo Barcelona por cerca de 3,2 milhões de euros. Mesmo sem conseguir o destaque esperado, fez 52 gols em 139 jogos e ganhou uma Copa do Rei e uma Recopa Europeia.

Onde jogou na década
Leicester-ING (80-85), Everton-ING (85-86) e Barcelona-ESP (86-89)
Títulos *Copa da Inglaterra (85), Copa do Rei da Espanha (88) e Recopa Europeia (89)*

© GETTY IMAGES

"Nem parece alemão"

Foi com essa frase que o técnico Giovanni Trapattoni definiu Karl-Heinz Rummenigge, que se diferenciava do padrão "futebol-força" dos alemães de seu período. Destaque do Bayern Munique bicampeão europeu em 1975 e 1976 e do Mundial Interclubes sobre o Cruzeiro, em 1976, foi eleito o melhor jogador do mundo pela *France Football* em 1980 e 1981. Nesses dois anos, foi artilheiro e campeão alemão pelo Bayern, artilheiro da Copa dos Campeões (1981) e levou também a seleção alemã ao título da Eurocopa de 1980. Ponta-direita de origem, o veloz atacante ganhou destaque como goleador e acabou jogando mais avançado nos anos 80, quando brilhou também durante as Copas do Mundo de 1982 e 1986, onde foi vice-campeão nas duas oportunidades. Comprado pela Internazionale de Milão por cerca de 5 milhões de dólares em 1984, após ser artilheiro e campeão alemão, Rummenigge fez uma boa temporada de estreia pelo time milanês, onde jogou até 1987. Encerrou a carreira no Servette em 1989, quando foi artilheiro do Campeonato Suíço.

Onde jogou na década
Bayern Munique-ALE (80-84), Internazionale-ITA (84-87) e Servette-SUI (87-89)
Títulos *Alemão (80 e 81), Copa da Alemanha (82 e 84) e Eurocopa (80)*

Outros destaques

Hagi

Meia-direita de ótima técnica e grande finalizador, o romeno foi um dos destaques do Steaua Bucarest no fim da década. Foi artilheiro da Copa dos Campeões em 1988 e, no ano seguinte, vice-campeão europeu. Foi vendido ao Real Madrid em 1990 antes de ganhar destaque com a seleção romena.

Hugo Sánchez

Centroavante rápido e de bons chutes, o mexicano Hugo Sánchez foi um dos astros do futebol espanhol na década de 80. Jogou no Atlético de Madri de 1981 a 1985, quando foi comprado pelo Real Madrid, onde foi pentacampeão nacional e marcou 208 gols. Foi artilheiro do Espanhol em 1985, 1986, 1987, 1988 e 1990.

Valdano

Ponta-esquerda habilidoso e goleador, o argentino Valdano jogou no Zaragoza-ESP, de 1979 a 1984, e depois no Real Madrid, onde foi bicampeão espanhol e da Copa da Uefa. Em 1986, depois de Maradona, foi o grande destaque da Argentina na conquista da Copa do Mundo. Encerrou a carreira precocemente, aos 31 anos.

Matthäus

Meio-campista de ótimo passe, chutes fortes e muito vigor físico, o alemão destacou-se no Bayern Munique. Contratado em 1984, jogou lá até 1988, sendo tricampeão nacional. Foi para a Inter de Milão e ganhou o *scudetto* italiano de 1989. Foi vice-campeão das Copas do Mundo de 1982 e 1986.

Ancelotti

Hoje técnico do Bayern Munique, o italiano fez sucesso como meia nos anos 80. Pela Roma, foi campeão nacional, ao lado de Falcão (1983), e ganhou quatro Copas da Itália. Em 1987, foi para o Milan, no timaço bicampeão europeu e mundial em 1989 e 1990. Disputou as Copas do Mundo de 1986 e 1990.

Schumacher

Muito conhecido pela entrada violenta no francês Battiston, na semifinal da Copa de 1982, e chamado até de anti-herói, o goleiro foi um dos principais nomes da seleção alemã na década. Campeão da Euro de 1980, foi capitão do time nos vices das Copas de 1982 e 1986. Jogou pelo Colônia, Schalke-04 e Galatasaray.

Belanov

Atacante da antiga União Soviética, foi destaque do Dínamo Kiev, campeão da Recopa Europeia de 1986. No mesmo ano, fez uma boa Copa do Mundo no México, marcando quatro gols, e foi eleito pela *France Football* como o melhor jogador da temporada. Em 1988, foi destaque do time soviético vice da Euro.

Ian Rush

Maior e mais venerado artilheiro da história do Liverpool com 346 gols, o centroavante ganhou cinco Campeonatos Ingleses pelo clube (1982, 1983, 1984, 1986 e 1990), três Copas da Inglaterra, cinco Copas da Liga Inglesa e duas Copas dos Campeões da Europa (1981 e 1984).

Baresi

Zagueiro titular do Milan de 1977 a 1997, seu único clube, conquistou tudo pelo clube (seis italianos, três Ligas dos Campeões, dois mundiais). Foi considerado um dos maiores líberos do futebol mundial. Foi campeão mundial, como reserva, da Copa de 1982, e semifinalista das Euros de 1980 e 1988.

Rijkaard

Revelado pelo Ajax, em 1980, o volante conquistou três Campeonatos Holandeses e uma Recopa Europeia pelo clube, no qual atuou até 1987. Teve uma rápida passagem pelo Zaragoza-ESP, antes de chegar ao Milan e fazer parte do time bicampeão europeu de 1989 e 1990. Foi campeão da Euro de 1988.

Butragueño

Revelado pelo Real Madrid em 1983, o ponta-direita jogou no clube até 1994 (341 jogos e 123 gols). Foi vice-campeão da Euro com a Espanha, em 1984, e um dos destaques da seleção na Copa da Espanha de 1986, entrando para história ao marcar 4 gols na vitória sobre a Dinamarca, por 5 x 1.

Michael Laudrup

Meia dinamarquês de grande técnica, excelente em assistências, foi um dos grandes nomes da surpreendente Dinamarca, apelidada de Dinamáquina na Copa do Mundo de 1986. Jogou na Lazio-ITA (83-85) e Juventus-ITA (85-89), onde foi campeão mundial, antes de ir para o Barcelona, em 1989.

OS NOSSOS GRINGOS

TEM JAPONÊS NO SAMBA

O BRASIL NUNCA FOI UM DESTINO DOURADO PARA JOGADORES ESTRANGEIROS, MAS ERA BOA OPÇÃO PARA QUEM BUSCAVA UMA ESCADA PARA A EUROPA NO ANOS 80

Kazu, quando jogava no Coritiba: japonês com estilo brasileiro

Grande parte dos jogadores estrangeiros que chegam ao Brasil vem de clubes sul-americanos. Na década de 80, isso era mais forte ainda, especialmente para argentinos e uruguaios. Os clubes brasileiros voltavam seu olhar com atenção para a Libertadores, e nossos times foram atrás de jogadores com a cara da competição: raçudos e copeiros. Um zagueiro que dava o sangue em campo ou um volante durão eram os preferidos, mas havia craques que jogavam o fino da bola.

Foi sangrando que um desses zagueiros ficou marcado na história do futebol brasileiro e do Grêmio. Hugo de León, defensor uruguaio, protagonizou a icônica foto segurando a taça da Libertadores com sangue escorrendo pelo rosto. A história conta que, ao levantar o troféu, um prego teria atingido a cabeça dele, fazendo um corte. O que ficou foi uma foto eterna, símbolo de raça e luta por um título. Líder nato, De León chegou ao Grêmio vindo do Nacional-URU, em 1981, onde se tornou capitão em 1983. Foi nesse ano que ele comandou o time na inédita conquista da Libertadores, diante do Peñarol.

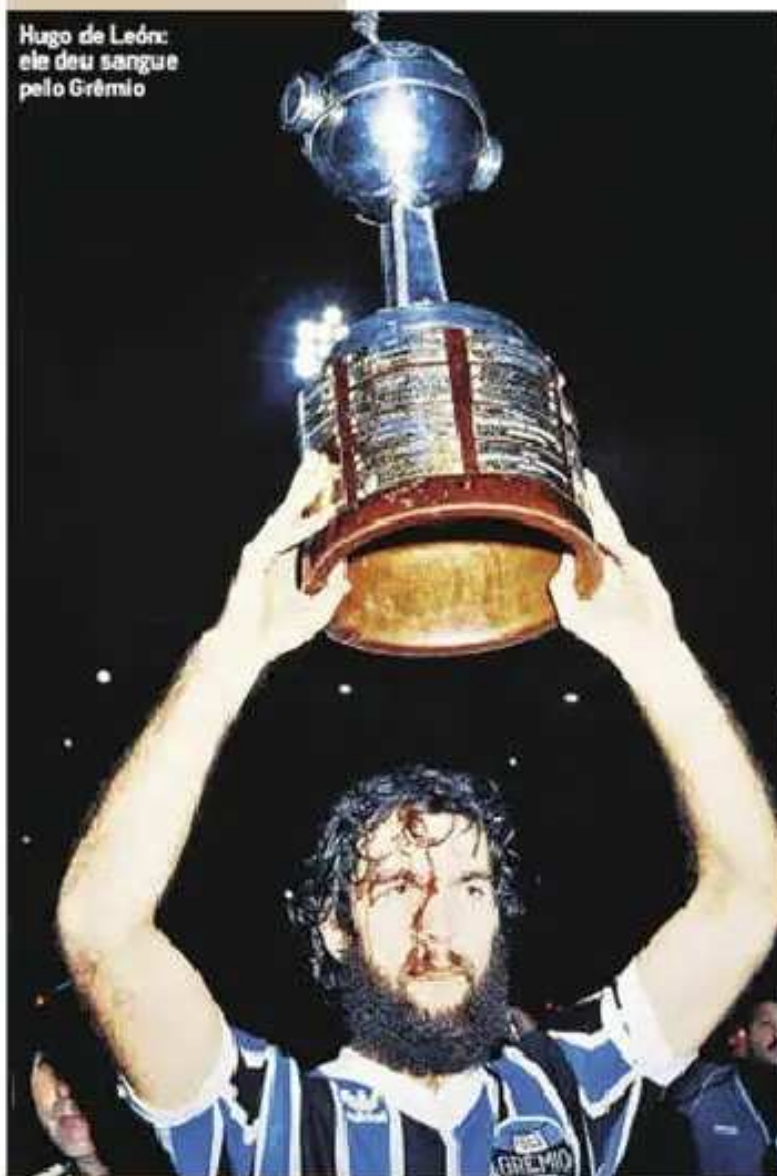
Outro jogador uruguaio que vingou por aqui foi Darío Pereyra. Um dos maiores zagueiros da história do São Paulo, foi bicampeão brasileiro no tricolor. Conquistou ainda os Campeonatos Paulistas de 1980, 81, 85 e 87. Darío jogava com raça, mas não era violento. Firme no desarme, protagonizou com Oscar uma grande dupla de zaga.

Nem só de trancos viviam os gringos por aqui. O Fluminense foi buscar no Paraguai o atacante Romerito, considerado por lá o maior jogador paraguaio de todos os tempos. Aliava a técnica com a raça. No Flu, atuava como ponta autêntico. O jogador foi campeão brasileiro em 1984 pelo Fluminense, sendo o principal garçom de bolas para a dupla Washington e Assis, o "Casal 20".

O meia uruguaio Rubén Paz foi outro a fazer sucesso no Brasil. Não era fácil ser estrangeiro no Inter, já que a referência de gringo no Beira-Rio era nada menos que Figueroa, mas o camisa 10 possuía uma técnica apurada, que fez a diferença na conquista no tri gaúcho de 1982, 83 e 84. Uma de suas marcas era seu condicionamento físico — não à toa, só se apo-

sentou aos 47 anos, em 2006. Outro que jogou durante muito tempo foi o folclórico japonês Kazu, que passou por Santos e Coritiba nos anos 80. e hoje, aos 49 anos, defende o Yokohama FC-JAP.

Outra posição bem ocupada por jogadores estrangeiros foi a de goleiro. Craques como o argentino Fillol e o uruguaio Rodolfo Rodríguez fizeram bonito embaixo das traves. Ubaldo Fillol jogou entre 1984 e 1985 no Flamengo. Já Rodríguez atuou no Santos entre 1984 e 1988. Foi Pelé que emprestou dinheiro ao clube do coração para trazer o bigodudo goleiro, após ele fechar o gol do Uruguai contra a seleção brasileira, em 1983. Rodolfo ficou marcado por defesas milagrosas e famosas — como a incrível sequência de defesas feitas no chão, com uma mão só, contra o América de Rio Preto, em julho de 1984 —, e que vale a pena rever em vídeos disponíveis na internet. Outro vídeo do goleirão que vale a pena ver é o do gol que sofreu marcado pelo então novato Ronaldinho (Fenômeno), quando Rodolfo jogava no Bahia, em 1993. Numa bobeada do goleiro, que deixou a bola no chão após uma defesa, Ronaldo rouba a bola e a manda para o gol, para espanto do uruguaio, que olha atônito a comemoração do garoto. Na saída de campo, Ronaldo perguntou ao repórter, rindo muito: "Vocês pegaram aquele lance?".

Hugo de León: ele deu sangue pelo Grêmio

© PEDRO MARTINELLI

Romerito: craque made in Paraguai

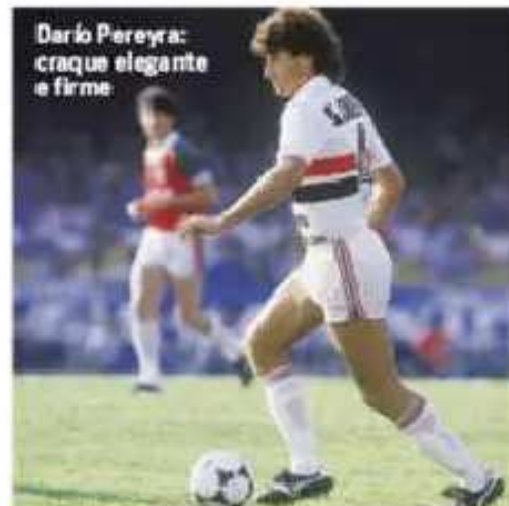
© RODOLPHO MACHADO

Rubén Paz no Inter: habilidoso

© LEMYR MARTINS

NOTA DO CASÃO
"Se jogasse hoje, seria titular no Barcelona fácil"

Porteros: Rodolfo Rodríguez e Fillol

© RONALDO KOTSCHO

Darío Pereyra: craque elegante e firme

© NICO ESTEVES

Rojas e o início da encenação: o rojão cai longe do goleiro

© MARCO ANTONIO CAVALCANTI

Cadê o sangue, Rojas? O goleiro, momentos antes de causar o próprio ferimento

© ARI GOMES

EUROPA

Juventus e Napoli: times com craques como Platini e Maradona

© GETTY IMAGES

ITÁLIA, O CENTRO DO MUNDO

DURANTE OS ANOS 80, OS PRINCIPAIS JOGADORES DO MUNDO DESFILAVAM PELOS CLUBES ITALIANOS, QUE DERAM INÍCIO AOS SUPERTIMES RECHEADOS DE ESTRANGEIROS

A contratação de grandes estrelas do futebol mundial por parte dos principais clubes europeus é algo muito antigo, desde o início do século passado. Com o decorrer das décadas, essa prática foi ganhando força, principalmente na Espanha e na Itália nos anos 60 e 70. Na década de 80, o Barcelona buscou nomes como o alemão Schuster, o brasileiro Roberto Dinamite e o argentino Maradona. Mas era na Itália que estavam os maiores craques e também os melhores times. A Juventus, base da seleção italiana campeã mundial de 1982, montou um timaço com Paolo Rossi, Zoff, Gentile, Boniek, Laudrup e sua maior estrela, o francês Platini. A Roma, com Falcão, Cerezo e Ancelotti, conquistou o título italiano em 1983 e chegou à final da Copa dos Campeões. O Napoli, que contratou Maradona por cerca de 13 milhões de euros atuais (batendo o recorde mundial de transferência na época), buscou também os brasileiros Careca e Alemão e formou um time inesquecível, que se tornou o primeiro do sul da Itália a ser campeão nacional, em 1987. Já a Inter de Milão, com os alemães Matthäus, Brehme e Klinsmann, dominou o campeonato no final da década. Porém, a grande sensação foi o Milan. Rebaixado em 1980 (por causa de um escândalo de corrupção) e depois em 1982, em campo, o clube se reergueu e montou o melhor time do mundo. Com os italianos Baresi, Maldini e Ancelotti e, principalmente, com os holandeses Van Basten, Gullit e Rijkaard, conquistou o bicampeonato europeu em 1989 e 1990. Com o dinheiro do empresário e dono do time, Sílvio Berlusconi, e sob o comando do técnico Arrigo Sacchi, o Milan encantou com seu futebol extremamente ofensivo.

SEGUNDO CARROSSEL

Gullit: visual e futebol inovadores

Três seleções conquistaram o principal torneio europeu na década. A primeira foi a Alemanha Ocidental, de Schumacher, Schuster e Rummenigge, que derrotou a Bélgica na decisão no Estádio Olímpico de Roma, em 1980. Pouco depois, esse time chegaria à final da Copa do Mundo de 1982, sendo derrotado pela Itália. Já em 1984, a anfitriã França, liderada pelo craque e artilheiro Platini, autor de incríveis nove gols em seis jogos, bateu a Espanha na final. Mas a seleção campeã que mais empolgou foi a Holanda de 1988, que venceu a Euro, na Alemanha Ocidental, derrotando a extinta União Soviética na decisão. Sob o comando do técnico Rinus Michels, o mesmo do Carrossel da Copa de 1974, a seleção holandesa novamente surpreendeu o mundo com seu futebol ofensivo, bonito, eficiente e com inovações táticas, saindo do tradicional 4-3-3 da época para o 4-4-2, com Gullit e Van Basten infernais no ataque.

SUCESSO VERDE-AMARELO

Se hoje nossos principais jogadores deixam o país muito cedo, com 18, 19 ou 20 anos, na década de 80, a ida para o futebol europeu era mais tardia. Zico só deixou o Flamengo aos 30 anos, quando defendeu a Udinese e foi um dos maiores casos de sucesso entre os brasileiros no Velho Continente. Em 1983/84, foi vice-artilheiro do Italiano com 19 gols, um a menos do que Platini, da Juventus. Outro trintão, Falcão, virou o Rei de Roma após ajudar a quebrar o jejum de 41 anos sem o título italiano. Toninho Cerezo (Roma e Sampdoria), Júnior (Torino), além de Careca e Alemão (Napoli), fizeram sucesso por lá também. Por outro lado, alguns jogadores, que saíram daqui com grande expectativa, tiveram passagens discretas na Europa, como Roberto Dinamite (Barcelona), Sócrates (Fiorentina), Renato Gaúcho (Roma), Edinho (Udinese), Branco (Brescia), Müller (Torino), Dunga (Pisa) e Casagrande (Ascoli). Fora da Itália, os brasileiros tiveram mais destaque em Portugal, com Valdo, Ricardo Gomes, Mozer e Elzo no Benfica, e Casagrande, Juary e Branco, no Porto. Na Espanha, os atacantes Baltazar e Dirceu, ambos pelo Atlético de Madri, foram muito bem. Outros que despontaram foram o centroavante Mirandinha, o primeiro brasileiro a jogar na Inglaterra, em 1988, pelo Newcastle, e Romário, campeão e artilheiro pelo PSV Eindhoven, da Holanda.

Mirandinha: do Ceará para a Inglaterra

TRAGÉDIAS MARCANTES

Os anos 80 marcaram negativamente também a fúria da torcida inglesa nos estádios e arredores, com os hooligans. No caso mais emblemático, na final da Copa dos Campeões de 1985, entre Liverpool e Roma, em Bruxelas, na Bélgica, 39 pessoas morreram e mais 600 ficaram feridas – a maioria italiana. Após o incidente, os clubes ingleses foram banidos por cinco anos de competições europeias e o cerco contra os hooligans e o policiamento nos estádios cresceu na Inglaterra. Por lá, outra triste tragédia aconteceu no estádio Hillsborough, do Sheffield Wednesday, na semifinal da Copa da Inglaterra em 1989, entre Liverpool e Nottingham Forest, quando 96 torcedores do Liverpool morreram após um empurra-empurra quando o estádio estava superlotado. Desde então, os estádios ingleses passaram por um processo de modernização, com normas de segurança eficazes, entre elas acabar com os alambrados.

Peter Shilton, goleiro do Nottingham Forest, com a taça de campeão europeu

Campeões surpreendentes

Na década de 80, a atual Liga dos Campeões da Europa ainda era conhecida como Copa dos Campeões e contava apenas com os vencedores dos campeonatos nacionais. Além disso, o torneio era disputado só no sistema de mata-mata. Dessa forma, algumas zebras deixaram os favoritos para trás. Em 1980, o Nottingham Forest, hoje na segunda divisão inglesa, sagrou-se bicampeão europeu ao derrotar o Hamburgo-ALE na final. Em 1982, foi a vez de o Aston Villa surpreender e bater o Bayern Munique na decisão. Um ano depois, o próprio Hamburgo superou a poderosa Juventus. Já em 1986, o Steaua Bucareste, da Romênia, mesmo jogando a final na Espanha, em Sevilha, acabou com o sonho do Barcelona de vencer sua primeira Copa dos Campeões. No ano seguinte, o Porto, de Juary, venceu o Bayern, de Matthäus, Brehme e Rummenigge. E em 1988, o PSV Eindhoven ganhou o torneio em cima do Benfica. Já nos campeonatos nacionais, clubes que hoje nem chegam perto das primeiras colocações foram campeões, como Aston Villa (1981) e Everton (1985 e 1987), na Inglaterra; Real Sociedad (1981 e 1982) e Athletic Bilbao (1983 e 1984), na Espanha; e Hamburgo (1982 e 1983), na Alemanha.

OS CAMPEONATOS

Nos anos 80, os clubes ainda disputavam poucos campeonatos por ano. Basicamente os Estaduais, que estavam em alta, e o Brasileirão, que, apesar de ter um formato a cada edição, foi sucesso de público, principalmente no início da década

ESTADUAIS VALORIZADOS

SEM COMPETIR COM OUTROS TORNEIOS AO MESMO TEMPO, OS ESTADUAIS FORAM LEVADOS A SÉRIO PELOS CLUBES E SUAS TORCIDAS, DEIXANDO BOAS LEMBRANÇAS E CONSAGRANDO TIMES

Único país entre os principais do futebol mundial a ter campeonato estadual no seu calendário, o Brasil ainda segue uma tradição que começou em 1902, com o primeiro Paulistão. Até os anos 1950, antes do Torneio Rio-São Paulo, os Estaduais eram os únicos campeonatos oficiais disputados pelos clubes do país. Nos anos 60, 70 e 80, as atenções dos clubes foram divididas com os campeonatos nacionais (Taça Brasil, Robertão e Brasileirão). E, em raros casos, com a Libertadores, onde apenas dois clubes entravam a cada ano. Desde a década de 90, porém, após a criação de novas competições, como a Copa do Brasil, a volta dos regionais e outras sul-americanas, como a Conmebol, Supercopa e Recopa, os Estaduais foram perdendo espaço. Assim, a década de 80 pode ser considerada a última em que os grandes clubes brasileiros levaram a sério os Estaduais. Entre 1980 e 1985, eles foram disputados no segundo semestre e ainda eram classificatórios para o Brasileirão do ano seguinte. Outro fator marcante dos Estaduais eram os clássicos, já que muitas vezes, no Campeonato Brasileiro, as equipes do mesmo estado acabavam não se enfrentando.

NOTA DO CASÃO
"Me lembro bem dessa foto, fizemos na concentração, foi muito divertido. Naquela época, nosso contato com a imprensa era livre e próximo"

A base de craques do Timão: Sócrates, Paulinho, Zenon, Casagrande e Biro-Biro

© J.B. SCALCO

CAMPEÕES HISTÓRICOS

No Rio de Janeiro, o Estadual na década de 80 foi pra lá de equilibrado, muitas vezes até com o Bangu, forte na época, figurando entre os quatro primeiros. O Fluminense, com quatro títulos, foi o maior vencedor. E, sob o comando de Parreira, do casal 20 Washington e Assis, do paraguaio Romerito e dos jovens Branco e Ricardo Gomes, ganhou ainda em 1984 o Brasileirão. O Vasco, de Dinamite, ganhou três Cariocas, todos sobre o Flamengo. Já o Botafogo venceu o título mais dramático, em 1989, quebrando um jejum de 22 anos.
No Paulistão, a década começou com o bi do São Paulo, de Serginho Chulapa. Já em 1982 e 1983, brilhou o time da Democracia Corintiana, liderada por Sócrates, Casagrande, Zenon e Biro-Biro. Em 1984, foi a vez de o Santos, com Serginho, estragar a festa do tri do Corinthians. Em 1985, o São Paulo, do técnico Cilinho e seus Menudos do Morumbi (Careca, Müller, Silas e Sidney), foi campeão sobre a Portuguesa. No ano seguinte, a pequena Inter de Limeira acabou com o sonho do Palmeiras de encerrar o seu jejum. Em Minas Gerais, o Atlético ficou com oito títulos, contra só dois do Cruzeiro. Já no Campeonato Gaúcho, mais equilíbrio: seis títulos do Grêmio e quatro do Internacional.

Serginho: ele comandava o ataque tricolor

DÉCADA DO MENGÃO

Se a década de 70 foi marcada pelos timaços do Inter (tricampeão) e Palmeiras (bicampeão), os anos 80 foram do Flamengo no Brasileirão. Com Zico em grande fase e ótimos companheiros como os laterais Leandro e Júnior, os meias Adílio e Andrade e atacantes como Nunes e depois Tita, o Mengão foi soberano no início do década. Em 1980, treinado por Cláudio Coutinho, o Flamengo venceu o Atlético-MG, de Reinaldo, Éder, Toninho Cerezo e Luizinho, em uma das finais mais emocionantes da história do Brasileirão. Em 1982, já treinado por Carpegiani, que havia sido campeão como jogador em 1980, o Flamengo venceu o Grêmio, de Leão, Paulo Isidoro, Batista, De León, Tarciso e Baltazar. Já em 1983, o Flamengo, dirigido por Carlos Alberto Torres, conquistou o título sobre o Santos. Para coroar a década, o Mengão voltou a ganhar mais um título nacional em 1987, na Copa União. Além dos remanescentes Zico, Andrade e Leandro, o rubro-negro tinha ainda no time os laterais Jorginho e Leonardo, o zagueiro Edinho e os atacantes Renato Gaúcho, Bebeto e Zinho.

Flamengo em campo: era Maracanã lotado

O Vasco venceu o Brasileirão em cima do São Paulo, no Morumbi

RIO EM ALTA

Além dos quatro títulos do Flamengo, os cariocas ganharam ainda mais três das dez edições do Brasileirão na década de 80. Em 1984, o Fluminense, do técnico Carlos Alberto Parreira, fez a decisão com o Vasco, treinado por Edu Coimbra, irmão de Zico. Em 1989, foi a vez de o Vasco voltar a colocar o Rio no topo. Com um grande time, apelidado de "selevasco", a equipe treinada por Nelsinho Rosa ganhou do São Paulo na final. Entre os destaques do time campeão estavam os atacantes Bebeto e Sorato, o meia Boiadeiro, o volante Andrade, os laterais Luiz Carlos Winck e Mazinho, o zagueiro equatoriano Quiñónez e o goleiro Acácio.

São Paulo e Guarani na decisão do Brasileirão de 1986

Máquinas tricolores

Outros dois grandes campeões brasileiros foram Grêmio e São Paulo. O tricolor gaúcho, em 1981, comandado por Ênio Andrade, tinha Leão no gol, Paulo Roberto na lateral direita, De León na zaga, Paulo Isidoro jogando demais e os atacantes Tarciso e Baltazar. Este último, aliás, foi o autor do gol do título – um chutaço de fora da área, no Morumbi, na vitória por 1 x 0 sobre o São Paulo. Já o tricolor paulista, do técnico Pepe, foi campeão em 1986 ao vencer o forte Guarani, de Evair, João Paulo, Boiadeiro e Ricardo Rocha, na emocionante decisão em Campinas. Careca, com 25 gols, foi o artilheiro e o principal jogador do tricolor, que tinha ainda o zagueiro Darío Pereyra, o goleiro Gilmar, os meias Pita e Silas e o atacante Müller.

A VEZ DO NORDESTE

Campeão da Taça Brasil de 1960, o Bahia voltou a dar um título nacional para o Nordeste e conquistou o Brasileirão pela primeira vez em 1988, sobre o Inter de Taffarel e do técnico Abel Braga. Treinado por Evaristo de Macedo, o tricolor baiano teve como peças-chave o meia Bobô e Charles, um dos artilheiros do campeonato.

OS CAMPEONATOS

Regulamentos bizarros

O sistema de campeonato por pontos corridos, disputado nas principais ligas do mundo desde o início do século anterior, só entrou em vigor no Brasil em 2003. Antes disso, cada edição do Brasileirão tinha um regulamento diferente. Em 1980, após o fim da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), que virou CBF, o Brasileirão ganhou um novo formato em relação à edição de 1979, que contou com o número recorde de 94 participantes. Chamado de Copa Brasil, o Brasileirão de 1980 ganhou então três divisões (Taça de Ouro, Taça de Prata e Taça de Bronze), dando início ao acesso e descenso, por recomendação da Fifa. Porém, os cartolas da CBF inventaram uma maneira peculiar para isso, com a promoção dos quatro melhores times da primeira fase da Taça de Prata para a Taça de Ouro já no mesmo ano. Isso servia para, de alguma forma, dar uma segunda chance aos grandes que não tinham garantido sua classificação para a Taça de Ouro através dos Estaduais nos anos anteriores.

Zico e Zinho carregam o troféu da Copa União de 1987

© NELSON COELHO

NOTA DO ZICO
"A Copa União poderia ter sido a grande reviravolta do futebol brasileiro em termos de organização e calendário. Uma ideia que era para ser maravilhoso foi afundada."

Até 1984, o Brasileirão teve então esse esquema de acesso (mas sem rebaixamento ainda). Nessas edições, os torneios contaram com 40 clubes (mais quatro promovidos da Taça de Prata), grupos nas três primeiras fases e depois mata-matas. Apesar do modelo confuso, o Brasileirão dessa época foi sucesso de público. Em 1980, a média subiu de 9 139 (em 1979) para 20 792 torcedores por jogo. Em 1981 ficou acima dos 17 mil, e em 1982, chegou quase a 20 mil por partida. Já em 1983, teve o recorde de 22 953 torcedores por jogo. No ano seguinte, a média foi de 18 523. Nessas cinco edições, o campeonato registrou sete dos dez maiores públicos em jogos entre 1971 e 2016. Incluindo o maior deles, na final de 1983, entre Flamengo e Santos, no Maracanã (155 523 torcedores).

Em 1985, a CBF inovou e acabou prejudicando o Brasileirão, que despencou sua média de público para 11 mil torcedores por jogo. Denominado apenas de Taça de Ouro, o torneio contou com 44 clubes, escolhidos através do ranking de pontos acumulados entre 1971 e 1984 na competição. Desses 44, metade ficou nos grupos A e B (com os 22 primeiros do ranking), que classificavam 12 equipes para a segunda fase. Já os 22 dos grupos C e D (um tipo de Série B) disputavam quatro vagas para a segunda fase. Não houve rebaixamento naquele ano também.

Em 1986, nova confusão. O campeonato, chamado de Copa Brasil, tinha 80 clubes, sendo 40 nos grupos A, B, C e D (com os principais times, uma espécie de Série A) e outros 40 no chamado Torneio Paralelo, nos grupos E, F, G e H. Dessa "Série B", apenas os campeões de cada grupo avançavam para a segunda fase e se juntavam aos 32 classificados da "Série A".

A confusão e o excesso de clubes impulsionaram os grandes do futebol brasileiro a criar a Clube dos 13 e posteriormente a Copa União, em 1987, com apenas 16 clubes. A tentativa de criar um campeonato organizado, porém, fracassou. Apesar de o torneio ter sido um sucesso de público (20 877 pagantes em média) e contar com principais clássicos do futebol brasileiro de muito tempo, a CBF conseguiu estragar criando um regulamento que previa que os dois primeiros da segunda divisão (módulo amarelo), enfrentassem os dois primeiros da primeira divisão (módulo verde), em semifinais, para depois decidir quem seriam os finalistas e posteriormente o campeão nacional. Flamengo e Inter, campeões da Copa União, obviamente recusaram a disputa e a CBF declarou Sport e Guarani como campeão e vice do Brasileirão daquele ano, dando-lhes inclusive a vaga na Libertadores do ano seguinte.

Em 1988, o Campeonato entrou mais ou menos no eixo, contando com 24 clubes (16 do módulo verde da Copa União e os oito primeiros do módulo amarelo). Nessa edição, finalmente, passou a vigorar o acesso e descenso. Porém, contou com um novo e surpreendente regulamento, onde as partidas que terminavam empatadas eram decididas nos pênaltis (o vencedor ganhava dois pontos e o perdedor ficava com apenas um).

MUNDO RUBRO-NEGRO

Campeão brasileiro em 1980, o Flamengo fez sua estreia na Libertadores no ano seguinte e de cara conseguiu seu primeiro título. Mas foi complicado. Na decisão, contra o também estreante Cobreloa-CHI, a conquista chegou apenas no terceiro jogo, de desempate, em Montevidéu. Zico, craque da equipe, marcou duas vezes e garantiu a vitória e a taça ao Mengão.
Uma semana depois de ganhar a Libertadores, o Fla fez outra final e enfrentou o Vasco, pelo título do Carioca. Com uma vitória por 2 x 1, no Maracanã, com 169 999 espectadores, faturou mais uma taça no dia 6 de dezembro. No dia seguinte, o time embarcou para o Japão para enfrentar o Liverpool, campeão da Copa dos Campeões da Europa, na final do Mundial Interclubes. No dia 13 de dezembro, atropelou os ingleses. Com seu futebol ofensivo, fez 3 x 0 no primeiro tempo, com dois gols de Nunes e outro de Adílton. Zico foi eleito o melhor em campo. Nunca mais, desde então, um clube sul-americano venceu um europeu em finais do Mundial por diferença de três gols.

Zico: o melhor de todos os tempos no Fla

SURGE UM NOVO TORNEIO

Eleito presidente da CBF em 1989, Ricardo Teixeira decidiu criar um novo torneio: a Copa do Brasil. A ideia era realizar um torneio no sistema de mata-matas, parecido com o que já era feito nos principais países do mundo. De tabela, a competição teria participantes de todos os estados do país e do Distrito Federal, o que indiretamente servia de agrado para os presidentes de cada federação local, que votavam a cada quatro anos para decidir quem comandaria a entidade (e Ricardo Teixeira acabou ficando até 2012, quando renunciou após várias acusações de corrupção).
Embora tenha sido criado com interesses, a Copa do Brasil agradou. Realizado em apenas um mês e meio, entre o fim dos Estaduais e o início do Brasileirão, o torneio caiu no gosto dos clubes e da torcida, sendo hoje o segundo em importância no futebol brasileiro. O Grêmio, de Assis e Cuca, foi o primeiro campeão, após derrotar o Sport na final.

GARRA GAÚCHA

Campeão do Brasileirão pela primeira vez em 1981, e vice em 1982, o Grêmio levou também a inédita Copa Libertadores em 1983, mas de forma sofrida. Depois de passar pelo grupo 2 na 1ª fase, superando o Flamengo, o tricolor caiu no difícil grupo 1 na fase semifinal, ao lado de Estudiantes-ARG e América de Cali-COL, e penou no jogo decisivo contra os argentinos, em La Plata, sob uma tremenda pressão e com os argentinos, que tiveram dois jogadores expulsos no 1º tempo, distribuindo pontapés. No intervalo, a torcida arremessou objetos, os jogadores argentinos cercaram o árbitro De La Rosa e Caio foi agredido antes de chegar ao vestiário, que estava fechado. Na volta para o 2º tempo, o Grêmio virou o jogo e fez 3 x 1. O Estudiantes, perdido em campo, teve mais dois jogadores expulsos. O goleiro Mazarópi, com hematomas nas costas, sofreu com objetos arremessados pela torcida. Apavorado, o time do Grêmio, mesmo com quatro jogadores a mais, cedeu o empate, que manteve a esperança do Estudiantes – mas que depois não venceu o América de Cali e foi eliminado. Já na final, o Grêmio teve que superar o forte Peñarol antes de comemorar a Libertadores com o capitão De León, que, com sangue escorrendo na cabeça, ergueu a taça num momento histórico.

Tricolores comemoram a Libertadores (acima) e Renato arrasa na final do Mundial no Japão

A TERRA É AZUL

Após o título da Libertadores, o técnico Valdir Espinosa pediu à direção do Grêmio a contratação do polêmico meia Mário Sérgio, ex-ídolo do rival Inter, e foi atendido. Com ele e o endiabrado ponta-direita Renato Gaúcho, o tricolor chegou à decisão do Mundial com a receita para furar a forte marcação do Hamburgo, time alemão que havia derrotado o Real Madrid na decisão da Copa dos Campeões. E a tática deu certo. No primeiro tempo, Renato entortou a zaga e fez um belo gol aos 37 minutos. Na segunda etapa, após sofrer forte pressão, o Grêmio acabou levando o gol de empate a 5 minutos do fim. Na prorrogação, porém, Renato Gaúcho, logo aos 3 minutos, repetiu a dose e, quase como um replay do primeiro gol, deu cortes secos nos zagueiros e fez o gol da vitória, entrando definitivamente na galeria dos imortais tricolores.

SELEÇÃO

Para muitos, foi uma década perdida para a seleção. Mas será que não aprendemos nada com as derrotas?

FIM DO FUTEBOL-ARTE

A Copa do Mundo da Espanha, em 1982, entrou para a história por dois grandes acontecimentos: a derrota do futebol bonito da seleção brasileira e a conquista do tri da seleção italiana. Nessa ordem, para ser mais justo com a história. Com as nossas grandes estrelas no auge (Zico, Sócrates, Falcão, Cerezo, Éder, Júnior, Leandro e Luizinho), a seleção brasileira, comandada por Telê Santana e seu ideal ofensivo, encantou o mundo. Mas no caminho havia um carrasco, Paolo Rossi, que estava endiabrado. Se aquele jogo durasse quatro horas e fizéssemos mais gols, a impressão geral é que o italiano viraria mais uma vez. A tragédia do Sarriá, como ficou conhecida aquele nossa derrota de 3 x 2 para os italianos, reforçou um sentimento entre os brasileiros de que não adiantava jogar bonito – era preciso ganhar de qualquer jeito.

A Copa do Mundo de 1986 foi a última da geração de Zico, Sócrates, Falcão e Júnior. Com Telê Santana novamente no comando, a seleção chegou menos favorita em relação ao Mundial de quatro anos antes, na Espanha, já que suas principais estrelas estavam longe do auge técnico e, principalmente, físico. Não fosse a ótima fase de Careca, Branco, Edinho e do goleiro Carlos, talvez não tivéssemos ido tão longe. Nas quartas de final, mesmo com cinco vitórias, nenhum gol sofrido e apresentando evoluções, o Brasil parou na França, de Platini, perdendo nos pênaltis. Assumíamos um novo carrasco, o time francês. De carrasco em carrasco, não olhávamos para dentro, para nossas essências, e patinamos por mais algum tempo, até reencontrar o caminho das vitórias, na Copa do Mundo de 1994.

NOTA DO ZICO
"Era uma das poucas seleções, talvez junto com a Holanda de 1974 e a Hungria de 1954, que marcou história sem ganhar."

Fim de jogo no estádio Sarriá: os brasileiros choram a tragédia

Zico, com Alemão e Júlio César ao fundo, na disputa de pênaltis contra a França, na Copa de 1986

NOTA DO ZICO
"Nego fala que eu amarelei, aquela baboseira toda. Mas eu desrespeitei a vontade do meu coração, que dizia: 'não vai, não vai'."

COPA AMÉRICA SALVOU

Durante a década de 80, a seleção brasileira teve seis trocas de treinador. Telê Santana, que começou em 1980, caiu após a eliminação na Copa do Mundo de 1982. Depois, voltou em 1985 e ficou até perder para França, na Copa de 1986. No geral, comandou a seleção por 55 jogos e teve um aproveitamento de 79% dos pontos. Seu primeiro sucessor, Carlos Alberto Parreira, assumiu a seleção em 1983, mas ficou apenas 14 jogos (60,7% de aproveitamento) e acabou demitido após perder a Copa América para o Uruguai. Em 1984, a CBF colocou Edu Coimbra, irmão de Zico, que durou somente três jogos. Depois, foi a vez de Evaristo de Macedo assumir o comando da seleção. Criticado, ganhou três jogos, perdeu outros três e foi substituído por Telê, num momento em que a classificação para a Copa de 1986 ficou em dúvida. Já em 1987, Carlos Alberto Silva chegou com a missão de renovar a seleção. Com Raí, Valdo, Jorginho, Ricardo Gomes, Dunga e Romário, o time, porém, deu vexame e perdeu para o Chile por 4 x 0 na Copa América de 1987, na Argentina, sendo eliminada na primeira fase. Apesar disso, o treinador seguiu no comando da seleção e no ano seguinte levou o país à final da Olimpíada. Porém, acabou derrotado para a União Soviética e foi demitido. Para o seu lugar, a CBF resolveu apostar em Sebastião Lazaroni, então tricampeão carioca. Em seu primeiro ano, foi muito bem, apesar das críticas iniciais. Com Lazaroni, ganhamos a Copa América de 1989 e fechamos a década com resultados um pouco melhores, mas o técnico é sinônimo de um período medíocre do futebol da seleção.

O Brasil fecha a década com o título de campeão da Copa América

© AIR GOMES

Romário consola o meia Geovani: prata em Seul

© PEDRO MARTINELLI

Geração de prata

Nos anos 80, o Brasil conseguiu uma proeza no futebol nas Olimpíadas e pela primeira vez chegou a uma final. Depois de não conseguir a vaga para os Jogos de Moscou, em 1980, a seleção foi para a Olimpíada de Los Angeles, em 1984, com um time curiosamente representado basicamente pelo Internacional. O técnico Jair Picerni, sem conseguir juntar jogadores, envolvidos na reta final do Brasileirão, resolveu levar o time-base do Colorado, eliminado precocemente do campeonato. Com bons nomes, como o goleiro Gilmar, o lateral Luiz Carlos Winck, o zagueiro Mauro Galvão, o volante Dunga, o meia Ademir e os atacantes Kita e Milton Cruz, o Brasil surpreendeu e foi à final. Na decisão, porém, perdeu para a França por 2 x 0, mas a medalha de prata foi bastante comemorada pelas circunstâncias.

Já em 1988, com muitos jogadores da seleção principal que ainda não tinham disputado uma Copa do Mundo (esse era o critério da Fifa para liberar jogadores para as Olimpíadas), a seleção brasileira do técnico Carlos Alberto Silva era grande favorita ao ouro. Em campo, a equipe não decepcionou e chegou novamente à semifinal com quatro vitórias, incluindo uma sobre a Argentina nas quartas. Na semi, Taffarel brilhou ao defender três pênaltis contra a Alemanha. Já na decisão, após o empate no tempo normal (1 x 1), o Brasil caiu diante da antiga União Soviética na prorrogação (1 x 0), deixando escapar a chance de ganhar seu primeiro ouro olímpico. Mas o time que perdeu a final seria base para as Copas do Mundo de 1990 e 1994, com nomes como Taffarel, Romário, Bebeto, Jorginho, André Cruz, Mazinho, Ricardo Gomes e Valdo. Além disso, tinha ainda bons jogadores como o meia Neto, o volante Andrade, o atacantes Edmar e João Paulo, o zagueiro Aloísio e o lateral Luiz Carlos Winck.

ESTILO

BREGA E CHIC

A DÉCADA DE 80 É CELEBRADA NO MUNDO DA MODA. POR VEZES CHAMADO DE BREGA, ESTILO DO PERÍODO ERA NO MÍNIMO DIVERTIDO AOS OLHOS DE HOJE E, VIRA E MEXE, VÁRIAS TENDÊNCIAS VOLTAM

Ombreiras e calça bag, entre outros itens, são heranças da moda dos anos 80. Um certo caos dominava o estilo do período, o que acabou se transformando numa marca. Havia muita cor, misturas, uma certa androginia, inspiradas por artistas como David Bowie e Boy George, e as mesclas, punk, rock, o pop de Madonna. Os boleiros viviam livremente sua época. Alguns despojados, como Casagrande, Éder, e outros clássicos como o elegante Falcão, influenciado, claro, pelo seu período europeu. Falcão marcou tanto em elegância que lançou uma grife de roupas com seu nome. A marca não prosperou, mas, se há alguém elegante, até os dias de hoje, é o "Rei de Roma" do futebol.

Outro dono de elegância fora de campo era o zagueiro Darío Pereyra, do São Paulo, que contrastava da maioria. Sempre alinhado, procurava estar de terno, gravata e calça de pregas (uma dica: não copiem isso) em eventos. Alguns optavam pelo básico: calça jeans e camisa branca e mocassins de franjinha, às vezes acompanhados de bigodinho ralo, como Zinho e Aílton, do Flamengo, numa divertida pegada "new malandro carioca".

Chamavam atenção os jogadores cariocas, pelo uso de microssungas na praia, que certamente escandalizariam os dias de hoje, como a do zagueiro Mozer, do Flamengo. Mozer aliás, ostentava um car-

Falcão: elegância era a marca

Mozer e sua minúscula sunga

Ailton e Zinho: estilosos

rão: um Monza incrementado (para-choques esportivos, farol de milha). Pois é, o Monza já foi um carrão.

Carro sempre foi paixão para os jogadores, mas não há paralelo com os dias de hoje. Qualquer perna de pau que assine contrato com a China já compra uma Ferrari. Naquela época, Casão, por exemplo, guiava um Jipe. "Tinha tudo a ver comigo", diz o craque. O Doutor Sócrates dirigia um Fiat 147, o mesmo carro do meia Tita, do Flamengo, e eles eram bem felizes. Outros já apontavam para os dias de hoje. Éder, ponta do Galo, tinha um Mercedes dourado. O ex-gremista Paulo Isidoro tinha um Mercedes preto. Nosso editor convidado, Casagrande, comenta que Paulo Isidoro, Serginho e outros jogadores negros realmente investiam na imagem de ostentação como posicionamento político, já que os negros, como hoje, sofriam preconceito. Ao mostrar que podiam tudo, eles enfrentavam os ignorantes. Os mais jovens, como Müller, do São Paulo, apostavam no must dos carros esportivos, um Escort XR3, amarelo, conversível. É pra morrer de inveja!

NOTA DO CASÃO

"Procuro nem pensar, nem comparar o que se ganha hoje no futebol com a minha época. Dá uma depressão"

Carros sempre foram objetos de desejos. Müller apostou no conversível amarelo. Tita era básico e guiava um Fiat 147. Éder já ostentava sua Mercedes. Casagrande e seu Jeep – "tinha tudo a ver comigo" e o Monza incrementado de Mozer

Camisas mais divertidas

SAÍMOS DA MESMICE NOS UNIFORMES COM MAIS CORES, DESIGN E ALGUMAS BIZARRICES

Milan 1982

Começamos a década mais classudos, com camisas feitas de algodão, que pesavam quando suadas. Um exemplo era esta camisa com listras finas, gola de camisa social e com a novidade do patrocínio.

Leão 1983

No Brasil, Emerson Leão foi um dos primeiros a inovar nas camisas de goleiros, geralmente neutras – cinzas, azuis ou pretas. Ele apostou nas listras e fez sucesso no estilo zebra.

Dinamarca 1986

Considerada inovadora, mantinha as cores do país, mas mexia com a estrutura clássica, dividindo a camisa ao meio verticalmente, aplicando listras em uma das metades e em uma das mangas.

Alemanha 1988

Os alemães inovaram a partir da metade daquela década. Na Eurocopa de 1988, estampou na camisa branca tarjas com movimentos gráficos e as cores da bandeira do país: vermelho, amarelo e preto.

Holanda 1988

Fez muito sucesso a camisa da seleção holandesa na Euro 1988. O tradicional laranja liso deu lugar ao estampado com motivos gráficos diagonais degradês, formando setas para o alto e com gola V.

ESTÁDIOS

Diferentemente das novas arenas construídas na época da Copa do Mundo de 2014, os estádios brasileiros nos anos 80 não eram nada modernos e confortáveis. Porém, vários itens e costumes, proibidos hoje, deixaram saudade nos frequentadores

Bandeiras, papel picado e um ambiente menos hostil

TUDO LIBERADO

Ao contrário de hoje em dia, principalmente no estado de São Paulo, os torcedores tinham um costume bem diferente nos estádios. Tudo bem, as instalações não eram tão confortáveis como nas modernas arenas, porém o preço médio dos ingressos era relativamente bem menor. Hoje, custa cerca de R$ 55 em jogos do Brasileirão em estádios como do Corinthians e do Palmeiras. Na época, não chegava a R$ 10. Além disso, os torcedores podiam entrar com bandeiras, cornetas (que passaram a ser chamadas de vuvuzelas depois da Copa de 2010), rojões, e a venda de cerveja nos estádios era liberada. Não havia lugar marcado e muitos estádios receberam públicos inimagináveis hoje em dia. Outra vantagem da época é que você podia caminhar fora do estádio com relativa tranquilidade, ostentando a camisa do seu clube, mesmo em dia de clássicos, e cruzar com torcedores adversários, sem risco iminente de morte. O Maracanã, que tinha ainda a geral, lugar onde os torcedores ficavam apenas em pé (não havia assentos), recebeu quase 162 000 pessoas na final do Carioca de 1981. Já o Morumbi contou com 122 000 pessoas na final do Paulistão de 1980. Em muitos jogos, torcedores ficavam espremidos, entre um lance e outro de arquibancada. A festa no início das partidas era muito maior, com papel picado e rolos de papel higiênico. No Morumbi e no Maracanã, os clássicos não tinham mandantes. A torcida que comprasse mais ingressos ocupava a maior parte do estádio. E não havia venda de ingressos que não fosse na bilheteria, geralmente com filas gigantescas antes e no dia nos clássicos. Nada de programa de sócio-torcedor ou venda online. Telão? Nem pensar. O placar eletrônico já era um luxo para a época. Em alguns estádios, a troca de placar ainda era feita manualmente.

GRAMADOS PRECÁRIOS

Uma outra grande diferença dos estádios de hoje para aqueles da década de 80 é o gramado. Naquela época, costumava-se jogar com grama alta em vários deles, como o Maracanã e o Mineirão, onde os pés dos jogadores ficavam parcialmente escondidos na grama. Mas esses nem eram os piores casos. Na Vila Belmiro, por exemplo, o gramado era precário, principalmente em dias de chuva, quando ficava alagado. Em outros casos, principalmente no Norte e Nordeste do país, a grama era seca e a bola quicava muito mais do que nos gramados do Sul. Houve também a moda de fazer desenhos no gramado, como no Serra Dourada. Outro problema que os clubes enfrentavam era o dia seguinte de grandes eventos, como shows de rock. No Morumbi, uma das cenas mais marcantes foi o estado do gramado do Morumbi, destruído após o show dos Menudos, justamente poucos dias antes da final do Paulistão de 1985, quando o time do técnico Cilinho curiosamente foi apelidado de Menudos do Morumbi.

O dia em que os Menudos arrasam o Morumbi

NOTA DO ZICO

"Os gramados eram terríveis. Pacaembu, Morumbi, Parque Antárctica, então. Minha mãe do céu..."

Maracanã lotado para a semifinal da Copa União de 1987 entre Flamengo x Atlético Mineiro

ELEFANTES BRANCOS

Na década de 1970, alguns governadores ergueram estádios gigantescos principalmente em regiões pobres do país, por vaidade ou interesses, e sem nenhuma lógica ou estudo. Assim, nos anos 80, sem vários clubes disputando o Brasileirão, esses estádios viraram verdadeiros elefantes brancos. Fenômeno parecido com o que acontece hoje com a Arena da Amazônia, Arena das Dunas, Arena Pantanal e Arena Pernambuco. Sem falar no Maracanã, entregue às moscas após a Olimpíada. Em setembro de 1988, Placar fez uma reportagem mostrando a triste situação dos grandes estádios brasileiros, abandonados e vazios. Entre eles, o Rei Pelé, em Maceió; o Castelão, em Fortaleza; o Castelão, de São Luís; o Castelão, de Natal (hoje Machadão); e o Albertão, em Teresina, com capacidade para 65 000 pessoas e com média, na época, de 629 torcedores por jogo.

MAIORES PÚBLICOS DA DÉCADA POR ESTÁDIO

161 989 – FLAMENGO 2 x 1 VASCO, 6/12/1981
Maracanã, Campeonato Carioca

122 535 – São Paulo 1 x 0 Santos, 16/11/1980
Morumbi, Campeonato Paulista

115 983 – Atlético-MG 1 x 0 Cruzeiro, 26/10/1980, Mineirão, Campeonato Mineiro

110 438 – Bahia 2 x 1 Fluminense, 12/2/1989
Fonte Nova, Campeonato Brasileiro

98 421 – Grêmio 0 x 1 Ponte Preta, 26/4/1981
Olímpico, Campeonato Brasileiro

79 598 – Internacional 0 x 0 Bahia, 19/2/1989
Beira-Rio, Campeonato Brasileiro

76 636 – Santa Cruz 1 x 1 Náutico, 18/12/1983
Arruda, Campeonato Pernambucano

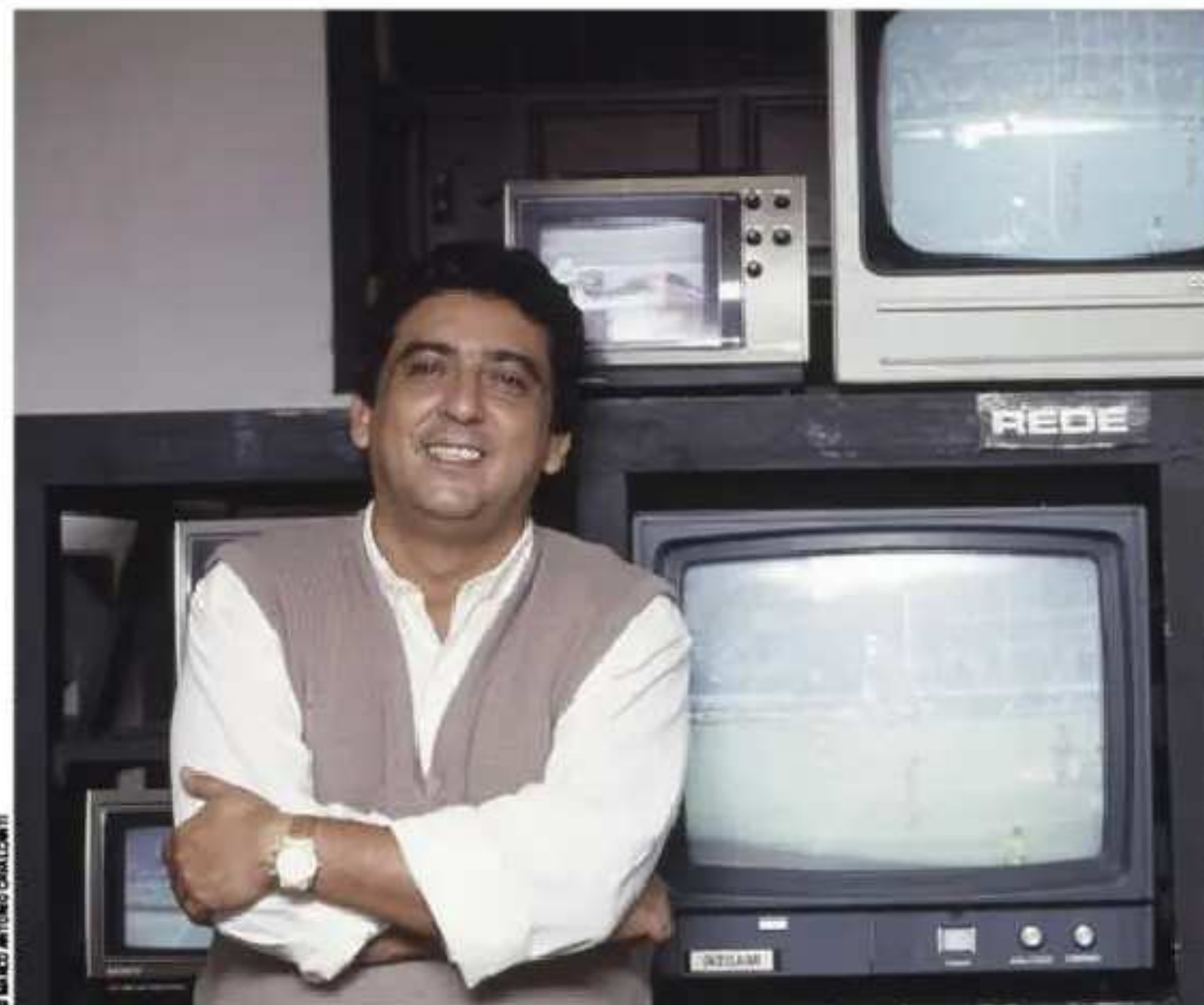
RÁDIO E TELEVISÃO

QUANDO A TV DESCOBRIU O FUTEBOL

DEMOROU, MAS FOI NO COMEÇO DOS ANOS 80 QUE A TELEVISÃO DESCOBRIU O FILÃO DO FUTEBOL. NAQUELA DÉCADA, NOSSOS OUVIDOS ESTAVAM MAIS COLADOS NO RÁDIO — E FOI DALI QUE SURGIRAM LOCUTORES GENIAIS

© MARCO ANTÔNIO CAVALCANTI

Nas ondas do rádio vinham momentos que pareciam alucinantes. O locutor esticava as vogais e os "erres", criando uma atmosfera de perigo constante para a defesa e de volúpia para o ataque. Mas, se fizéssemos a experiência comum, à época, de abaixar o som da TV e deixar o áudio do rádio na transmissão de um jogo, veríamos que as tintas empregadas pelos locutores de rádio eram exageradas, já que nos anos 80 o futebol não era de correria. Mas, acreditem, não havia nada mais emocionante do que ouvir José Silvério, então na Rádio Jovem Pan. O lance crescia e aos poucos íamos esquecendo os detalhes do que ele narrava e nos embriagávamos na esperança de ouvir "chutoooou, bateeeeeuuuu... é gol! Gol, gol, gol (em eco). E que golaaaaaaço!!" Uma micropausa e vinha o grito interminável: "Goooooooooooollllll". Poesia alucinante!

Outra experiência curiosa, comum aos jovens, era não ouvir o jogo no rádio, se isolar e evitar encontrar amigos na rua. Isso só para não saber o resultado da partida — e assistir ao videotape à noite, ou de madrugada (uma das poucas opções para quem queria ver a bola rolar sem ir ao estádio), depois da programação normal, para ter a sensação do ver o jogo ao vivo. Era preciso sangue frio, mas funcionava.

Da escola do rádio, surgiu outro gênio, Osmar Santos, que fez história na Rádio Globo. Criador de bordões inesquecíveis, como "tiro-lirolá tiro-liroli", " ripa na chulipa e pimba na gorduchinha". Chamado de "Pai da Matéria", Osmar migrou para a TV Globo, apresentou o *Globo Esporte* e foi o locutor principal da Copa do Mundo de 1986 — e teve um grande papel no movimento da Diretas Já, em 1984. Tornou-se o locutor dos maiores comícios pelo direito ao voto para presidente. Osmar até hoje é contratado da Globo, mas sem atuar, devido a um grave acidente ocorrido em 1994, que afetou

© PAULO RUBENS

Os dois maiores locutores de TV de todos os tempos. Galvão Bueno começou a trilhar o sucesso nos anos 80. Já Luciano do Valle foi o grande nome do período. Além de emocionar, foi grande empreendedor do esporte e da televisão

Osmar Santos, o Pai da Matéria e criador de bordões geniais

© SÉRGIO BEREZOVSKI

sua fala. Osmar atualmente se dedica às artes plásticas, em especial a pintura.

As transmissões de futebol começaram a ganhar mais espaço. A ida de jogadores brasileiros para atuar na Europa, como Falcão para a Roma e Zico para a Udinese, despertou o interesse pelos jogos internacionais. Mas a TV não era prioridade dos clubes: o grosso das receitas não vinha daí, como ocorre hoje. A grana vinha da venda de ingressos e de jogadores para outros clubes. O futebol também não era prioridade para as emissoras, até um certo transtorno, pois tinham que abrir espaço na grade de programação consolidada para passar os jogos. Foi a partir da criação do Clube dos 13, em julho de 1987, que o foco na receita da TV virou prioridade para os clubes.

Em 1981, Galvão Bueno estreou na TV Globo, e nos acompanha até hoje. Galvão inaugurou um jeito de narrar diferente, mais adaptado ao meio. Seu estilo, muitas vezes criticado, o tornou um narrador único. Sua ascensão se deu pela saída de outro ícone da narração, Luciano do Valle. Luciano, morto em 2014, arrepiava com suas narrações de gols e a emoção que punha ao ver um lance bonito. Amante do esporte, promoveu muitas modalidades. Chegou a ser apelidado de Luciano do Vôlei, devido ao enorme impulso ao esporte e aos grandes eventos que promoveu, como um jogo entre Brasil e União Soviética em pleno estádio do Maracanã. No mesmo ano, na TV Bandeirantes, criou uma programação dominical chamada *Show do Esporte*, com 10 horas de duração. Luciano criou ainda o Mundialito de Seniores, depois chamado de Copa Pelé. O próprio Pelé jogou a primeira edição por alguns minutos, protagonizando uma tentativa de bicicleta que entrou para a história. No banco de reservas, o técnico era o próprio Luciano do Valle.

Faustão

Marcelo Rezende

© RICARDO BELIEL

Glenda Kozlowski

© RICARDO CHVAICER

Curiosidades

Copa União

Em 1987, a união dos 13 maiores clubes brasileiros, segundo o ranking da época, resultou na criação da Copa União. Envolto em polêmicas, o torneio defendia interesses dos clubes com igualdade e negociava com a TV Globo os direitos de transmissão. Para definir quais jogos seriam transmitidos para todo o país pela Globo, o Clube dos 13 exigia um sorteio minutos antes de a rodada se iniciar. Assim, em dia de Fla-Flu, o jogo transmitido para todo o Brasil poderia ser Goiás e Bahia.

Eurocopa

A Globo transmitiu pela primeira vez uma Eurocopa em 1980, edição vencida pela Alemanha Ocidental, na Itália. A segunda Euro transmitida para o Brasil foi a de 1988, realizada na Alemanha e que teve a Holanda como campeã.

Humor

Show de Rádio: era um programa da Rádio Jovem Pan ancorado por Estevam Sangirardi, com participações dos humoristas Tatá, Escovas e Serginho Leite. No programa, personagens criados pelos radialistas desfilavam suas paixões como humor. O são-paulino, "Didu Morumbi", era um lorde rico, cheio de luxo e ostentação, imagem dos torcedores do São Paulo à época. Os palmeirenses eram representados pelo Comendador Fumagalli e Noninha, com caricaturas do sotaque dos italianos imigrantes da cidade de São Paulo. Sem preocupações politicamente corretas, os corintianos eram representados pelo Joca, Nega, Pai Jaú e um bode, chamado Baltazar, todos ligados a religiões de origem africana.

Motoradio

Era um dos mais populares aparelhos de rádio nos anos 80. Ao fim de cada jogo, a Rádio Globo presenteava o melhor da partida com o cobiçado aparelho. Equivalente aos memes de hoje em dia, uma história contava a seguinte piada: foi perguntado a Biro-Biro, jogador do Corinthians, ao ganhar seu prêmio, o que ele faria com o Motoradio. Biro-Biro teria respondido que a moto ele ia vender e o rádio ele daria para sua avó.

Quem veio do esporte

FAUSTÃO Começou em 1977 na Rádio Globo, mas atuou mais nos anos 80. Em 1983 passou a comandar o programa de rádio *Balancê*, onde ensaiou os primeiros passos no estilo irreverente de apresentação.

MARCELO REZENDE O apresentador do *Cidade Alerta*, na Rede Record, foi repórter esportivo. Nos anos 80, trabalhava na revista Placar, tornando-se chefe de redação na sucursal do Rio de Janeiro.

GLENDA KOZLOWSKI A apresentadora veio literalmente do esporte. Em 1989, a Placar destacava seu feito, ao conquistar o mundial de bodyboarding com apenas 15 anos. Nos anos 90, Glenda começou a apresentar um programa no SporTV, o *360 Graus*, e seguiu na carreira jornalística.

Milton Neves

As histórias incríveis, hilárias e 99,3% verdadeiras do futebol

CAUSOS DO MILTÃO

Os times que me marcaram na década de 80!

AH, OS ANOS 80... Guardo essa época com muito carinho em minha memória. Afinal, em 1982, a minha vida mudou completamente a partir da criação do "Terceiro Tempo", até hoje a marca maior do pós-jogo da televisão, do rádio e da internet brasileira! E guardo com carinho na memória também alguns times daquela década. Dois em especial: o Flamengo de 81, que conquistou a América e o mundo (o mundo, sim, dona Fifa), e o revolucionário Corinthians da "Democracia Corintiana". Abaixo, revelo a vocês, caros leitores de Placar, como estão e o que andam fazendo alguns dos nomes dessas duas grandes equipes!

Antônio Nunes, o **LICO**, ex-ponta-esquerda do Joinville, marcou época no Flamengo de 80 a 84. Atualmente, mora em sua cidade natal, a praiana Imbituba, em Santa Catarina, onde já trabalhou como secretário municipal de Esportes.

O quarto-zagueiro **MOZER**, além de brilhar com a camisa do Flamengo, é ídolo também da torcida do Benfica-POR. Inclusive, o ex-defensor tem até hoje negócios em Lisboa. Mozer é atualmente gerente de futebol do Flamengo.

NUNES, que ficou conhecido pela torcida do Flamengo como "João Danado" e "Artilheiro das Decisões", mora no bairro da Posse, em Nova Iguaçu-RJ, e trabalha como treinador, tendo atuado em equipes de base e profissionais.

O carioca Milton Queiroz da Paixão, o **TITA**, foi um excelente coadjuvante do Flamengo no fim dos anos 70 e começo dos anos 80. Jogador moderno para a época, Tita não era de guardar posição. Hoje, Tita é técnico de futebol.

Em pé: Leandro, Raul, Mozer, Figueiredo, Andrade e Júnior; Agachados: Lico, Adílio, Nunes, Zico e Tita.

Importante coadjuvante do time da "Democracia Corintiana", **PAULINHO ALBUQUERQUE** hoje mora em São Paulo e tem uma escolinha de futebol para crianças.

GOMES teve uma passagem marcante pelo Corinthians. Teve participação efetiva no movimento que ficou conhecido como "Democracia Corintiana". Hoje, Gomes é representante comercial na cidade de Campinas-SP.

WAGNER BASILIO começou a carreira como médio-volante, mas depois, devido às necessidades do Corinthians, transformou-se em zagueiro. Atualmente, o ex-defensor vive em Osasco, na Grande São Paulo.

CÉSAR, o baixinho goleiro do Corinthians nos anos de 1981 e 82, hoje vive em Natal-RN, onde tem um bar na beira do rio Pium. Em sua passagem pelo Timão, César atuou em 58 jogos e sofreu 55 gols (números do "Almanaque do Corinthians", de Celso Dario Unzelte).

Em pé: César, Zé Maria, Wagner Basilio, Gomes, Paulinho e Wladimir; Agachados: Eduardo Amorim, Sócrates, Casagrande, Zenon e Biro-Biro.